



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E**  
**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – PROEAD**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA**  
**EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**  
**INTERDISCIPLINARES**

**FRANCISCO JÚNIOR DAMASCENO PAIVA**

**ENSINO DE FILOSOFIA COM MÚSICA: UMA**  
**PERSPECTIVA METODOLÓGICA LÚDICO – REFLEXIVA**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2014**

**FRANCISCO JÚNIOR DAMASCENO PAIVA**

**ENSINO DE FILOSOFIA COM MÚSICA: UMA  
PERSPECTIVA METODOLÓGICA LÚDICO – REFLEXIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau de especialista.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleoneide Moura Nascimento**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2014**

P149e Paiva, Francisco Júnior Damasceno  
Ensino de Filosofia com Música [manuscrito] : uma  
perspectiva metodológica lúdico-reflexiva / Francisco Júnior  
Damasceno Paiva. - 2014.  
63 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Cleoneide Moura Nascimento,  
Departamento de Educação".

1. Educação. 2. Ludicidade. 3. Música. 4. Filosofia. I.  
Título.

21. ed. CDD 370.1

FRANCISCO JÚNIOR DAMASCENO PAIVA

**ENSINO DE FILOSOFIA COM MÚSICA: UMA PERSPECTIVA  
METODOLÓGICA LÚDICO – REFLEXIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau de especialista.

**Aprovada em: 19/07/2014**

**Banca Examinadora:**

*p/ Francisco Jaime B. Nascimento*

**Cleoneide Moura Nascimento**

**(Orientadora)**

*p/ Francisco Jaime*

**Carla Maria Dantas Oliveira**

**(Examinadora)**

*p/ Francisco Jaime*

**Juliana Ferreira da Silva**

**(Examinadora)**

**“Sem música a vida seria um erro!”**

NIETZSCHE

Música para ouvir

Arnaldo Antunes

Música para ouvir no trabalho

Música para jogar baralho

Música para arrastar corrente

Música para subir serpente

Música para girar bambolê

Música para querer morrer

Música para escutar no campo

Música para baixar o santo

Música para ouvir

Música para ouvir

Música para ouvir

Música para compor o ambiente

Música para escovar o dente

Música para fazer chover

Música para ninar nenê

Música para tocar novela

Música de passarela

Música para vestir veludo

Música pra surdo-mudo

Música para estar distante

Música para estourar falante

Música para tocar no estádio

Música para escutar rádio

Música para ouvir no dentista

Música para dançar na pista

Música para cantar no chuveiro

Música para ganhar dinheiro

Música para ouvir

Música para ouvir

Música para ouvir

Música pra fazer sexo

Música para fazer sucesso

Música pra funeral

Música para pular carnaval

Música para esquecer de si

Música pra boi dormir

Música para tocar na parada

Música pra dar risada

Música para ouvir

Música para ouvir

Música para ouvir

Arnaldo Antunes e Edgar Scandurra

## RESUMO

A partir do ano de 2008 a Filosofia volta aos currículos do Ensino Médio no País. Atuando como professor desta disciplina, percebemos as dificuldades de comunicação com os jovens. Há uma barreira a ser vencida entre os alunos, o conteúdo e a linguagem da Filosofia. Os jovens hoje estão ligados à tecnologia e a cultura. Ao mesmo tempo, a música é um elemento de agregação desses jovens em diversas tribos urbanas. A Música vem se apresentando como uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem da Filosofia. Precisamos compreender as dificuldades de comunicação e de aceitação por parte dos jovens do Ensino Médio para assimilar os conteúdos da disciplina Filosofia. Para muitos desses jovens a Filosofia é algo distante e sem ligação com a sua vida e a sua realidade. Por isso, os professores de Filosofia sentem-se desmotivados ou frustrados na sua tarefa de mostrar a importância da Filosofia, não só para a fase escolar, mas também para a vida desses jovens. O presente estudo teve como método a pesquisa bibliográfica sobre o tema, a análise desses textos a partir da história e da realidade nacional da educação; assim como a comparação com canções que abordam questões filosóficas, históricas, políticas, sociológicas e educacionais. Também fizemos o levantamento de experiências inovadoras no campo do ensino de filosofia com música nas escolas de nível médio do Brasil. O trabalho divide-se em seis partes. Na primeira parte apresentamos um breve histórico sobre a filosofia no Ensino Médio no Brasil dos primórdios até a atualidade, além de uma exposição da legislação referente a esse ensino. Na segunda parte abordamos as dificuldades e os desafios desse ensino no nosso país. Na terceira parte, por sua vez, discutimos as metodologias do ensino de filosofia à luz das tendências pedagógicas. Na quarta parte enfocamos os jovens como sujeitos da educação. Na quinta e penúltima parte desenhamos um rápido panorama da relação entre filosofia e música, da antiguidade à contemporaneidade. Por fim, na sexta e última parte, a temática é o ensino de filosofia com música no Brasil, onde expomos um projeto, uma atividade e algumas experiências de filosofia com música desenvolvidas no ensino médio de 2008 até hoje no Brasil. Podemos concluir que o recurso da música como elemento motivador vem revelando-se um caminho eficaz no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos filosóficos, junto aos jovens educandos das escolas de ensino médio em todo o país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música; filosofia; ensino; lúdico; reflexão.

## ABSTRACT

From the year 2008 the philosophy back into the curricula of secondary education in the country. Acting as a teacher of this course, we realize the difficulties of communicating with young people. There is a barrier to be overcome between the students, the content and language of philosophy. Young people today are connected to technology and culture. At the same time, music is an element of aggregation of them in various urban tribes. The music has been presented as an important tool in the teaching and learning of the philosophy process. We need to understand the difficulties of communication and acceptance by secondary school students to assimilate the contents of the discipline philosophy. For many of these young philosophy is something distant and unrelated to your life and your reality. Therefore, philosophy teacher also feel unmotivated or frustrated in their task of showing the importance of philosophy, not only for the school stage, but for the life of these young people. The present study was the method literature on the topic, the analysis of these texts from the history and reality of national education; as well as comparisons with songs that address philosophical, historical, political, sociological and educational issues. We also did a survey of innovative experiences in the field of philosophy teaching music in secondary schools in Brazil. The work is divided into six parts. In the first part we present a brief history of philosophy in high school in Brazil in the early days to the present, plus a statement of the law concerning this teaching. In the second part we discuss the difficulties and challenges that education in our country. In the third part, in turn, discussed the methodologies of teaching philosophy in light of pedagogical trends. In the fourth part we focus on young people as subjects of education. In the fifth and penultimate part drew a quick overview of the relationship between philosophy and music, from antiquity to contemporary times. Finally, the sixth and last part, the theme is the teaching of philosophy with music in Brazil, where we expose a project, an activity and some experiences with music philosophy developed in high school until 2008 in Brazil today. We can conclude that the use of music as a motivator has revealed to be an effective way in the teaching-learning process of philosophical content, along with the young students of high schools across the country.

**KEYWORDS:** Music; philosophy; teaching; ludic; reflection.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
I – Tema	10
II – Justificativa	13
III – Problema de Pesquisa	14
IV – Objetivos Gerais e Específicos	15
V – Procedimentos Metodológicos	16
<b>1. O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>1.1. Breve histórico</b>	<b>18</b>
<b>1.2. Legislação</b>	<b>22</b>
1.2.1 LDB, Lei Nº 9.394/96, PCN/ Filosofia e Parecer CNE/CEB Nº 38/ 2006	22
1.2.2 OCN/ Filosofia, Lei nº 11.684/2008 (obrigatoriedade da Filosofia) e DCN	24
<b>2. FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DIFICULDADES E DESAFIOS</b>	<b>27</b>
<b>3. METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA</b>	<b>32</b>
<b>4. OS JOVENS COMO SUJEITOS DA EDUCAÇÃO</b>	<b>38</b>
<b>5. FILOSOFIA E MÚSICA: DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>42</b>
<b>6. O ENSINO DE FILOSOFIA COM MÚSICA</b>	<b>47</b>
<b>6.1. Projeto <i>Filosofia e Música</i></b>	<b>51</b>
<b>6.2. Atividade de filosofia com música</b>	<b>52</b>
<b>6.3. Algumas experiências de Filosofia com música</b>	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO</b>	<b>63</b>

# INTRODUÇÃO

## Humano Demais – Engenheiros do Hawaii

De tudo que é humano nada me é estranho	Não é ciência exata, não acontece em tempo real
Se o mar não tá pra peixe desse tamanho	
Eu não esquento, eu não me iludo	É demais! animal!
Eu troco em miúdos o primeiro toque	E agora somos só nós dois: eu e minha circunstância
E nada pode ser maior	Sempre foi só nós dois: eu e minha circunstância
De tudo que é humano nada me é estranho	
Fruto e semente...criatura e criador	Sempre só nós dois: eu e eu
As curvas da estrada...as pedras no caminho	Não é ciência exata, não acontece em tempo real
Os filmes de guerra e as canções de amor	É demais! humano demais!
Nada pode ser maior	Não é ciência exata, não acontece em tempo real
De tudo que acontece nada me surpreende	
Tudo me parece! tão normal!	É demais! animal!
Um big mac...maktub...	...não é ciência exata...
Drops de Deus...filosofia fast-food	...não é ciência exata...
Nada pode ser maior	Nãoé. Nada pode ser.
Não é ciência exata, não acontece em tempo real	Maior...
É demais! humano demais!	Humberto Gessinger

## I - TEMA

“Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso –, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando.”

(FREIRE, 2003, p.59)

A canção *Humano Demais*, da banda de rock gaúcha Engenheiros do Hawaii, nos remete à Filosofia em vários de seus versos e nos propicia uma reflexão, ao mesmo tempo, atual e contextualizada da existência. O título da música é uma alusão clara ao pensador Nietzsche, com seu livro: *Humano, demasiado humano*. Já a expressão *De tudo que é humano nada me é estranho*, é do dramaturgo romano Terêncio (195 a. C. – 159 a. C.). Outro pensador importante que aparece nesta canção é o filósofo Ortega y Gasset, “*eu sou eu e minhas circunstâncias*”. Além de referências a Roberto Carlos, Paulo Coelho e Carlos Drummond de Andrade.

O tema do ensino de Filosofia com música nasceu da nossa experiência em sala de aula. Com o retorno da Filosofia aos currículos do Ensino Médio, nos deparamos com uma realidade problemática e desafiadora. Como ensinar Filosofia para adolescentes e jovens que não têm o hábito e nem o gosto pela leitura, uma vez que o estudo de Filosofia exige esses dois pré-requisitos? Além disso, o ensino e a aprendizagem de Filosofia requerem também o acesso a uma linguagem específica e uma atitude de questionamento crítico e demorado diante das “verdades” estabelecidas como tal. Ao contrário disso, o que constatamos em sala de aula são adolescentes e jovens que pouco ou nada leem; que também não têm o costume de questionar o mundo que os cercam; e que são marcados por uma cultura do imediato e da pressa, que em nada contribuem para os estudos.

O professor da disciplina de Filosofia no Ensino Médio encontra-se com questionamentos que, de certa forma, não são comuns a outras disciplinas. Os alunos perguntam: por que e para que estudar Filosofia? Mas geralmente, eles não fazem essas

mesmas perguntas em relação a outras disciplinas como Física ou Matemática, por exemplo. No entanto, o próprio professor questiona-se sobre o seu fazer pedagógico. Como ensinar Filosofia uma vez que, partindo da afirmação kantiana, não se ensina Filosofia, e sim, a filosofar? Outra questão é o que ensinar, quando se pretende que o outro aprenda a filosofar?

Essas são questões que remetem a dois outros pontos importantes da reflexão da prática do professor de Filosofia, que talvez mais do que qualquer outro deveria problematizar a sua atividade. Nos referimos aqui à metodologia e aos conteúdos específicos da disciplina Filosofia. Estes, por sua vez, levam também às questões dos recursos didáticos, da linguagem, da avaliação e do currículo. Quais recursos utilizar no ensino de Filosofia, além do quadro e giz? Que linguagem seria mais adequada, em vista ao fim proposto que é levar os jovens educandos do Ensino Médio à filosofar? Como avaliar os alunos? E finalmente, mas não menos importante, que conteúdos trabalhar, diante dos currículos extensos e fora da realidade do Ensino Médio.

Inicialmente três observações se impõem ao professor de Filosofia, que não podem ser negligenciadas, sem comprometer o fazer pedagógico de qualquer educador, e mais especialmente, do profissional da Filosofia. Primeiro, *o fazer pedagógico* depende da concepção que nós professores temos de educação e de ser humano. Segundo, só há ensino e aprendizagem se houver comunicação, portanto, a linguagem é fundante e fundamental em todo processo de construção do conhecimento. Terceiro, currículo é poder, ou seja, não existe conteúdo neutro em nenhuma disciplina, assim como não há especificamente em Filosofia (FREIRE, 2003).

As considerações ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramentos de um primeiro saber inicialmente apontado como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista. *Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.* Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar não a de transferir conhecimento* (FREIRE, 2003, p. 47), (grifos do autor).

Partindo dessas reflexões iniciais iremos analisar a situação do ensino de Filosofia no Ensino Médio nas escolas do nosso País: o histórico, a legislação, os desafios, as

dificuldades, as possibilidades, as metodologias, os jovens como sujeitos da educação, a relação entre Filosofia e Música e as experiências de ensino da Filosofia com Música.

Nesse sentido, tentaremos abordar aqui as experiências do ensino de Filosofia que utilizam a música como um recurso didático numa perspectiva metodológica lúdico-reflexiva.

## **II- JUSTIFICATIVA**

O que nos motivou a pesquisar essa temática foi nosso interesse em compreender, primeiro, como a Filosofia se insere novamente no currículo escolar do Ensino Médio do nosso país a partir de 2008; depois, investigar como a Música, enquanto recurso, instrumento de ensino, tem contribuído para facilitar o ensino da Filosofia. Pensamos ainda que a pesquisa pode nos ajudar a identificar os estudos, as experiências, que estão sendo feitas em escolas e universidades sobre a utilização da Música no ensino da Filosofia.

### **III- PROBLEMA DE PESQUISA**

A partir do ano de 2008 a Filosofia volta aos currículos do Ensino Médio no país. Atuando como professor desta disciplina, percebemos as dificuldades de comunicação com os jovens. Há uma barreira a ser vencida entre os alunos, o conteúdo e a linguagem da Filosofia. Os jovens hoje estão ligados à tecnologia e a cultura. Ao mesmo tempo, a música é um elemento de agregação desses jovens em diversas tribos urbanas. A Música vem se apresentando como uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem da disciplina.

Precisamos compreender as dificuldades de comunicação e de aceitação por parte dos jovens do Ensino Médio para assimilar os conteúdos da disciplina Filosofia. Para muitos desses jovens a Filosofia é algo distante e sem ligação com a sua vida e a sua realidade. Por isso, os professores de Filosofia sentem-se desmotivados ou frustrados na sua tarefa de mostrar a importância da Filosofia, não só para a fase escolar, mas também para a vida desses jovens.

#### **IV- OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS:**

##### **a. OBJETIVO GERAL**

Compreender como a Filosofia insere-se no currículo escolar do Ensino Médio a partir de 2008 e como, através da Música, esse conteúdo pode ser trabalhado em sala de aula.

##### **b. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1º. Identificar como a disciplina Filosofia vem sendo ministrada em sala de aula;

2º. Observar como os alunos entendem o ensino da Filosofia no Ensino Médio;

3º. Realizar um levantamento das experiências inovadoras no ensino da Filosofia através da Música.

## **V- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi bibliográfica. Primeiro fizemos as leituras sobre o ensino da Filosofia no Ensino Médio a partir de 2008, depois realizamos um levantamento dos registros das experiências que aproximam a Música do ensino da Filosofia no Ensino Médio. Buscamos essas fontes em livros, na Internet, em jornais e em revistas especializadas. Após esse levantamento procedemos a escrita da monografia.

# 1. ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO

## Pacato cidadão – Skank

Ô pacato cidadão, te chamei a atenção	Pra que tanta TV, tanto tempo pra perder
Não foi à toa, não	Qualquer coisa que se queira saber querer
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia	Tudo bem, dissipação de vez em quando é bão
Dia a dia não	Misturar o brasileiro com alemão
E tracei a vida inteira planos tão incríveis	Pacato cidadão
Tramo à luz do sol	Ô pacato da civilização
Apoiado em poesia e em tecnologia	Ô pacato cidadão, te chamei a atenção
Agora à luz do sol	Não foi à toa, não
Pacato cidadão	C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
Ô pacato da civilização	Dia a dia não
Pacato cidadão	E tracei a vida inteira planos tão incríveis
Ô pacato da civilização	Tramo à luz do sol
Ô pacato cidadão, te chamei a atenção	Apoiado em poesia e em tecnologia
Não foi à toa, não	Agora à luz do sol
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia	Pra que tanta sujeira nas ruas e nos rios
Dia a dia não	Qualquer coisa que se suje tem que limpar
E tracei a vida inteira planos tão incríveis	Se você não gosta dele, diga logo a verdade
Tramo à luz do sol	Sem perder a cabeça, perder a amizade
Apoiado em poesia e em tecnologia	Pacato cidadão
Agora à luz do sol	Ô pacato da civilização

Pacato cidadão	Consertar o rádio e o casamento é
Ô pacato da civilização	Corre a felicidade no asfalto cinzento
Ô pacato cidadão, te chamei a atenção	Se abolir a escravidão do caboclo brasileiro
Não foi à toa, não	Numa mão educação, na outra dinheiro
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia	Pacato cidadão
Dia a dia não	Ô pacato da civilização
E tracei a vida inteira planos tão incríveis	Pacato cidadão
Tramo à luz do sol	Ô pacato da civilização.
Apoiado em poesia e em tecnologia	
Agora à luz do sol	Samuel Rosa e Chico Amaral

### 1.1. Breve histórico

A canção da banda mineira Skank reflete sobre a passividade do cidadão sem senso crítico e sem acesso à educação. Os poetas chamam a atenção desses cidadãos de que, se vivemos os tempos sem utopia, no entanto, a guerra diária pela sobrevivência não cessa nunca. Numa alusão a alegoria da caverna de Platão, os planos foram traçados à luz do Sol, apoiados na poesia e na tecnologia, mas é necessário “consertar o rádio e o casamento” e, para que possa haver felicidade no cinzento do asfalto é preciso também abolir a escravidão do caboclo brasileiro, através de condições concretas de vida (trabalho, renda) e da educação.

A partir dessa canção do Skank, podemos ver que o ensino de Filosofia no nosso País, desde os seus primórdios – assim como a educação em geral – foi sempre destinado às classes mais abastadas. Os jesuítas se dedicavam à catequese dos índios e ao

ensino dos filhos dos senhores de engenho, que depois das primeiras letras, seguiam para a Europa a fim de completarem seus estudos.

O ensino no Brasil, da colônia à Primeira República, atendia, sobretudo, aos interesses políticos, sejam os da metrópole, sejam os de nossa emergente classe dominante, dos proprietários de terra e senhores de engenho que aqui se instalaram. Dito de modo esquemático, a educação jesuítica na colônia estava voltada para a catequesedos índios e para as primeiras letras dos filhos de senhores de terra, que continuavam seus estudos na Europa. A educação jesuítica, através das escolas e missões da Companhia de Jesus, foi a base da educação no Brasil colônia, até a expulsão da Ordem, em 1759 (CEPPAS, 2010, p. 173).

A educação e a filosofia no Brasil tiveram sempre um caráter catequético, doutrinário e dogmático, como registram também Aranha e Martins (2010, p.7):

No Brasil, desde o século XVI, a filosofia já fazia parte do chamado curso de artes oferecido pelos jesuítas aos filhos de colonos que concluíam o primeiro nível de letras humanas. Apenas alguns colégios dispunham desse curso, voltado exclusivamente para a elite colonial portuguesa. A base do ensino de filosofia era a tradição escolástica; e mesmo durante os séculos seguintes, manteve-se distantes das conquistas das ciências modernas (Bacon, Galileu) e das filosofias que surgiram com Descartes e Locke. Inspirado nos ideais da Contrarreforma, o ensino jesuítico favorecia o dogmatismo, e a reafirmação da autoridade da Igreja e dos clássicos, tendo ainda como objetivo ‘formar homens letrados e eruditos, e, acima de tudo, católicos’. Esse dogma, infelizmente, ainda marca a prática pedagógica de muitas escolas.

Ou ainda nas palavras de Moacir Gadotti, em *História das Ideias Pedagógicas*:

Os jesuítas nos legaram um ensino de caráter verbalista, retórico, livresco, memorístico e repetitivo, que estimulava a competição através de prêmios e castigos. Discriminatórios e preconceituosos, os jesuítas dedicaram-se à formação das elites coloniais e difundiram nas classes populares a religião da subserviência, da dependência e do paternalismo, características marcantes de nossa cultura ainda hoje. Era uma educação que reproduzia uma sociedade perversa, dividida entre analfabetos e sabichões, os ‘doutores’ (GADOTTI, 1993, p. 231).

E como nos diz Lauro de Oliveira Lima, em *Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho* (LIMA apud PILETTI, 1991, p. 175):

Só a partir de 1826 (Liceu de Pernambuco), de 1836 (Liceu da Bahia) e 1837 (Pedro II) é que se começa a conceber, novamente, o “sistema” como conjunto de unidades escolares, como hoje se compreende: faz, portanto, pouco mais de cem anos... que começamos a ter unidades escolares. Não tivemos tempo, portanto, para criar uma tradição educacional ... Aliás, não precisávamos muito de educação: a colônia era um mero acampamento provisório para captar matéria-prima que seria enviada à Coroa e dali para Londres. Qualquer sintoma de arraigamento à terra e de civilização era extirpado violentamente.

Nesse sentido, a educação no Brasil nos três primeiros séculos é quase inexistente e não tem a menor relevância; assim como, logicamente, o ensino de Filosofia também nada significou em todo esse longo período.

Se assumimos esta tese, em toda a sua simplificação, desde o ponto de vista da instituição das bases para a instrução de parcelas expressivas da nação brasileira, o ensino de filosofia é em grande medida *insignificante*, assim como o é todo o precário sistema de ensino então existente. O Brasil chega ao século XX como um país

deanalfabetos (ROMANELLI, 1998). A fragilidade da filosofia entretanto, ao menos do ponto de vista de seu ensino, deveria ser pensada, portanto, em termos da fragilidade histórica de nosso sistema intelectual, e em especial de nosso sistema educacional, e o divisor de águas parece ser as transformações que ocorreram a partir dos anos de 1920 e 1930, quando, dentre outros aspectos, iniciou-se a edificação de um sistema de ensino digno deste nome (CEPPAS, 2010, p. 173 – 174).

Para esse autor, portanto, a educação e a Filosofia no Brasil têm como um divisor e, ao mesmo tempo, como um marco inicial as décadas de 1920 e 1930; com o desenvolvimento de uma literatura nacional, com a Semana de Arte Moderna, com o Movimento Antropofágico, com os pioneiros da educação e o Movimento da Escola Nova.

Já a Filosofia; apesar de se desenvolver também nesse mesmo período; no aspecto do seu ensino, no entanto, só terá maior importância nas décadas seguintes.

Uma missão francesa constituída de professores de renome daquele país do velho continente chegou ao Brasil na década de 1940 para criar e desenvolver o ensino de filosofia na recém-criada Universidade de São Paulo, fundada em 1934, atendendo às demandas de formação intelectual da burguesia paulistana. A ênfase era um ensino humanístico e reflexivo, até porque a referência de educação no Brasil era o modelo europeu. O acesso à universidade se restringia às elites sociais.

Foi durante o Estado Novo (1937-1945), de Getúlio Vargas, que se criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e se estabeleceram algumas diretrizes para o sistema educacional, abrangendo parcelas mais amplas da população. As mudanças ocorreram no bojo de um movimento para renovar a educação no Brasil, o qual defendia a educação pública e gratuita, laica e obrigatória, uma *Escola Nova*. O *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* produzido pelos intelectuais participantes desse movimento pode ser considerado um dos primeiros documentos de expressão ideológica na educação brasileira (CARVALHO; SANTOS, 2010, p. 13-14).

Mesmo assim o ensino de filosofia não se beneficiará muito com essas mudanças no cenário da educação brasileira:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevista na Constituição de 1946, só foi colocada em prática no final de 1961, durante o governo de João Goulart. A Lei 4024/61 tinha como uma de suas orientações a não obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia. Pouco mais de dois anos depois, em março de 1964, o golpe militar e a ditadura provocaram novas mudanças. As escolas públicas de ensino médio foram sendo levadas em direção a um modelo instrumental de ensino, no qual o resultado e o pragmatismo eram o foco. Em 1968, a filosofia foi retirada de todos os vestibulares do país e, em 1971, a Lei 5692/71 eliminou de vez filosofia e sociologia da grade curricular do Ensino Médio, substituindo-as por organização social e política brasileira (OSP) (CARVALHO; SANTOS, 2010, p. 14).

Os efeitos nefastos do golpe militar de 1964 ainda se fazem presentes hoje na educação brasileira:

Formação de professores em escala, fortalecimento da educação privada, segmentação de currículos e até mesmo a arquitetura prisional dos prédios. Tais práticas e características da educação brasileira às quais nos habituamos dizem muito sobre o regime militar imposto durante mais de duas décadas ao País e a seus cidadãos. Outros resquícios do cinquentenário golpe são mais escusos, porém não menos nocivos. A dificuldade que as escolas encontram em lidar com a aprendizagem de forma democrática, a intolerância à diversidade e a falta de referências mais experientes seriam também decorrência da formação repressiva. ‘O controle político e ideológico permanece nas mentes e nos corpos’, resume Aparecida Neri de Souza, professora da

Faculdade de Educação da Unicamp com pós-doutorado em Sociologia do Trabalho Docente (RODRIGUES, 2014, p. 20).

Podemos notar, ao traçarmos esse brevíssimo histórico do ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio no Brasil, que essas disciplinas apresentaram sempre altos e baixos, além de períodos de exílio e quase esquecimento.

Um desses períodos de exílio da Filosofia e da Sociologia do currículo escolar da escola média no nosso País foi justamente nas últimas décadas, entre 1970 e 1990.

Como observa Gallo (2010), em 1961 a Filosofia e a Sociologia deixam de ser disciplinas obrigatórias e dez anos depois, como vimos acima, elas são retiradas do currículo do Ensino Médio, dentro do contexto do tecnicismo e do regime militar (golpe de 1964):

Lembremos que a luta pelo retorno da filosofia aos currículos amalgamava-se e confundia-se com a luta pelo fim do regime militar instalado em 1964. Como a retirada da filosofia dos currículos havia sido obra da reforma de cunho tecnicista da educação básica levado a cabo por aquele regime no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, atribuía-se à exclusão da filosofia e de outras disciplinas de humanidades a falta de criticidade e o excesso de tecnicismo na formação de nossos jovens. E, neste quadro, a filosofia aparecia como o antídoto necessário e apropriado a um processo de redemocratização da sociedade brasileira (GALLO, 2010, p. 159).

Mas somente com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, (Lei nº 9.394/96) de 1996, é que aos poucos as duas disciplinas vão voltando à escola média brasileira, primeiro como temas transversais; com o objetivo de contribuir no processo de construção da cidadania dos jovens estudantes do Ensino Médio; para, também só mais de uma década depois, tornarem-se disciplinas obrigatórias do currículo oficial (CEPPAS, 2010).

Isso se dará de forma definitiva apenas com a promulgação da Lei 11.684/08 que altera o artigo 36 da LDB e torna obrigatórias as disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Esta lei, por sua vez, foi precedida do Parecer CNE/CEBNº 38 de 2006, que aconselhava a reinserção das duas disciplinas no currículo oficial das escolas de nível médio do país.

Dessa maneira a Filosofia e a Sociologia vão estar presentes em todos os documentos elaborados pelo governo, através do Ministério da Educação; como os PCN, as OCN e também as Diretrizes Curriculares Nacionais; onde são apresentados como Conhecimentos de Filosofia, na seção de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Mas o maior desafio hoje parece ser a consolidação da Sociologia e da Filosofia como disciplinas nos currículos. Haja vista o recente projeto de lei – PL nº

6003/2013, do deputado federal Izalci Lucas Ferreira (PSDB –DF), que tramita no Congresso e que prevê o fim da obrigatoriedade das duas disciplinas.

De acordo com esse novo projeto de lei as duas disciplinas voltariam a ser tratadas como temas transversais e seriam abordadas por professores de outras disciplinas já constantes nos currículos das escolas de Ensino Médio (SOLIDUM, 2013). Ou seja, depois de quase cinquenta anos fora dos currículos e com apenas cinco anos de seu retorno, a Filosofia corre o risco de ser novamente expulsa do cenário da Educação Básica do nosso País.

Como abordaremos aqui o ensino de Filosofia através do recurso didático-metodológico da música; é necessário ressaltar que temos também atualmente a Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que torna obrigatório o ensino de Música na educação básica das escolas particulares e públicas de todo o País.

## **1.2. Legislação**

### 1.2.1 Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN / Filosofia e Parecer CNE/CEB Nº38/2006.

Como vimos acima, com a nova LDB (Lei nº 9.394/96), a Filosofia e a Sociologia são novamente incorporadas ao Ensino Médio. O artigo 36 da LDB dizia que o educando ao final do Ensino Médio deveria demonstrar “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 1996).

Segundo Gallo (2010, p. 160), embora essa recomendação da LDB pareça demonstrar a importância da Filosofia para a formação dos alunos do Ensino Médio, na verdade a Filosofia aparece apenas como um instrumento a serviço de um projeto educacional baseado na ideia de que é necessário e possível a conscientização dos jovens educandos através do uso da Filosofia e da Sociologia. Essa compreensão irá influenciar bastante as decisões, as práticas e a legislação acerca do papel da Filosofia na educação escolar no nosso país. Por isso, nos documentos oficiais do governo, nos manuais de Filosofia e nas práticas de

muitos professores da disciplina, permanece essa visão reducionista da Filosofia presente no texto da LDB.

Havia duas justificativas principais para reinserção da filosofia no currículo, de acordo com Gallo(2010), a formação da consciência crítica e a interdisciplinaridade:

Em ambos os casos, vejo um problema. Nenhum deles afirma a filosofia por ela mesma, mas por um papel que ela deve desempenhar. A filosofia era justificada por algo que ela desenvolveria nos estudantes, algo este alheio a ela mesma. Em outras palavras, ambas as justificativas impõem à filosofia um *caráter instrumental*. Mas há ainda um outro problema a ser apontado. Em ambos os casos, a justificação para o ensino da filosofia confere a esta disciplina um papel que não é e não pode ser exclusivo dela. Isto é, se desejamos uma educação que forme a criticidade dos jovens, a filosofia pode ser um dos elementos desta formação, mas certamente não é e não pode ser o único. A criticidade não é exclusiva da filosofia e não pode ser creditada exclusivamente a ela. Ou as demais disciplinas também são formadoras da consciência crítica ou esta formação é impossível. E o mesmo raciocínio é válido para a interdisciplinaridade (GALLO, 2010, p.160, grifo do autor).

Outra justificativa para a presença da filosofia nos currículos é decorrente das duas anteriores. O sentido e o papel da filosofia são os de realizar a finalidade da escola média, ou seja, o *exercício da cidadania*.

A partir dessa mesma perspectiva da LDB são elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/Filosofia em 1998. Embora os PCN desenvolvam mais alguns aspectos do papel didático e pedagógico dos conhecimentos filosóficos, no geral, eles não se distanciam muito do texto da LDB, o que é natural, uma vez que naquele momento a filosofia ainda não era uma disciplina do currículo, mas apenas uma proposta de abordagem como tema transversal.

No entanto, é bastante intrigante o fato de que essa situação (a filosofia vista como um mero instrumento) perdure, em grande parte, até hoje nos documentos oficiais da educação brasileira e também na prática de muitos docentes da disciplina de filosofia nas nossas escolas, sejam elas públicas ou particulares.

Mesmo assim, podemos dizer que a interdisciplinaridade é o ponto central da abordagem da Filosofia nos PCN: “A consequência de uma opção pela interdisciplinaridade deve ser, portanto, a formação de cidadãos dotados de uma *visão de conjunto...*” (BRASIL, 1998, p. 111).

Por isso, a interdisciplinaridade, antes de ser uma tentativa de estabelecer conexões primárias entre as disciplinas, deve orientar-nos, antes de mais nada, no sentido de perceber a inter-relação entre as expressões da realidade. É compreendendo a realidade como totalidade que poderemos educar para a totalidade. Tentar apenas estabelecer simples fios condutores entre as diferentes disciplinas é tentar tapar o sol

com a peneira, tentar esconder o que de fato precisa ser denunciado (BRASIL, 1998, p. 111-112).

Para Carvalho e Santos (2010), no debate sobre a recente volta da filosofia aos currículos é de fundamental importância manter um olhar atento para a própria filosofia, para que ela se reconheça nessas práticas docentes, mas também nas experiências dos docentes no cotidiano das escolas.

Fazendo uma reflexão sobre a história do ensino de Filosofia no nosso país Carvalho e Santos (2010) afirmam que:

Nesses pouco mais de 50 anos, o ensino de filosofia causou diversas polêmicas. No período da ditadura, foi julgado nefasto à formação dos jovens, porque poderia levar ao pensamento crítico, este associado ao comunismo pelos militares. Em seguida, os debates que retomaram a discussão sobre sua inserção obrigatória no Ensino Médio trouxeram à baila a visão de intelectuais que defendiam a não obrigatoriedade do ensino de filosofia. O argumento essencial: a filosofia não é disciplina e nem pode ser, pois é uma atitude crítica ao pensamento, e não há modelo pedagógico que dê conta de sua natureza, ou que possa estabelecer limites didáticos para o seu ensino (CARVALHO; SANTOS, 2010, p.15).

Mas, como vimos acima, em 2006 a Câmara de Educação Básica aprovou o Parecer CNE//CEB N° 38, que aconselhava a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Com isso ganha mais força a corrente que defendia a muito tempo a volta das duas disciplinas. No entanto, alguns requisitos necessários para a implementação dessas mudanças nos quadros da educação nacional são improvisados ou negligenciados, como por exemplo, a formação dos docentes das duas disciplinas e os livros didáticos para os professores e os alunos.

Ainda de acordo com (CARVALHO; SANTOS, 2010, p.15): “Há muito a amadurecer e a se construir no longo caminho que nos levará à consolidação da relação da filosofia com a formação da cultura e com o ensino brasileiros.”

1.2.2. Orientações Curriculares Nacionais – OCN/Filosofia, Lei nº 11.684 de 2008 (obrigatoriedade da Filosofia) e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

No mesmo ano que a Câmara de Educação Básica, através do Parecer CNE/CEB N° 38 de 2006, aponta para a obrigatoriedade da Filosofia nos currículos são publicadas as

OCN/Filosofia. O referido documento, no essencial, segue a LDB e os PCN/Filosofia sobre as finalidades e os conhecimentos de Filosofia que devem constar nos currículos das escolas do nosso país.

De acordo com Danelon (2010) as OCN/Filosofia, assim como anteriormente os PCN/Filosofia, enfrentam a questão da especificidade da Filosofia. Para ambos os documentos a especificidade da Filosofia consiste no seu caráter reflexivo. “Nesse caso, é específico da filosofia a reflexão como atividade, *sine qua non* não há filosofia, já que ela nasceu como reflexão. É isso que a marcou, diga-se de passagem, como um saber na Grécia clássica” (DANELON, 2010, p. 190, grifo do autor).

Estabelecida a especificidade da filosofia enquanto atividade reflexiva, faz-se urgente e absolutamente necessária uma reflexão sobre a própria prática do ensino de Filosofia por parte dos docentes da disciplina:

A atividade reflexiva se manifestaria nas aulas de filosofia durante a leitura de textos filosóficos, na formulação de argumentos e no debate de ideias filosóficas e na produção de textos de cunho filosófico, de forma que os textos de filosofia sejam os subsidiadores e a atividade reflexiva seja o específico do filósofo no enfrentamento do texto de filosofia. Constitui-se um contraponto a esta especificidade da filosofia as práticas pedagógicas que versam sobre a transmissão de informação, ou seja, legisla contra a atividade reflexiva da filosofia o professor de filosofia que transmite passivamente informações conceituais da história da filosofia, como se a filosofia fosse cabedal de nomes, datas, conceitos e ideias que o aluno do Ensino Médio deve memorizar para adquirir conhecimentos de filosofia. Ao contrário disso, a filosofia é tensional, pois nos tira do lugar comum num chamamento para a inquietude (DANELON, 2010, p.191).

Nesse ponto, segundo Danelon (2010), a abordagem das OCN/Filosofia é bastante positiva. Elas destacam a postura adequada do professor de Filosofia e chama a atenção para práticas de memorização e reprodução que, para as OCN/Filosofia, destoam da concepção de ensino de Filosofia que se pretende. “É neste foco que a aula de filosofia não é passiva, não é transmissão de informação, mas é produção, é atividade filosófica” (DANELON, 2010, p.192).

Conforme já vimos acima, em meio a esse intenso debate sobre o ensino de Filosofia, em 02 de junho de 2008, é promulgada a Lei Nº 11.684 incluindo Filosofia e Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio. A referida lei altera o artigo 36 da LDB, revogando o inciso III:” *domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania*” (BRASIL, 1996) e introduzindo o inciso IV: “*serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio*” (BRASIL, 2008).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio também reconhecem a importância da Filosofia e da Sociologia para a formação ética e humanística dos jovens educandos quando da definição dos objetivos do Projeto Político-Pedagógico: “comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade”(BRASIL, 2013, p.199).

As Diretrizes foram atualizadas no ano passado para poderem respaldar as mudanças ocorridas no sistema educacional brasileiro, dentre elas a implementação das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo das escolas de nível médio.

A partir da Lei 11. 684/2008 a Filosofia foi sendo gradativamente incorporada ao currículo ano a ano, de 2009 a 2011. No entanto, somente em 2012 tivemos a chegada do livro didático, que havia sido escolhido no ano anterior. Portanto, tudo é muito recente. Outra dificuldade diz respeito aos docentes da disciplina, que na sua maioria não têm formação em Filosofia.

## 2. FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DIFICULDADES E DESAFIOS

### Inúteis – Ultraje a Rigor

A gente não sabemos	A gente somos "inúteu"!
Escolher presidente	"Inúteu"!
A gente não sabemos	A gente somos "inúteu"!
Tomar conta da gente	"Inúteu"!
A gente não sabemos	A gente somos "inúteu"!
Nem escovar os dente	"Inúteu"!
Tem gringo pensando	A gente somos "inúteu"!
Que nós é indigente...	A gente faz música
"Inúteu"!	E não consegue gravar
A gente somos "inúteu"!	A gente escreve livro
"Inúteu"!	E não consegue publicar
A gente somos "inúteu"!	A gente escreve peça
A gente faz carro	E não consegue encenar
E não sabe guiar	A gente joga bola
A gente faz trilho	E não consegue ganhar...
E não tem trem prá botar	"Inúteu"!
A gente faz filho	A gente somos "inúteu"!
E não consegue criar	"Inúteu"!
A gente pede grana	A gente somos "inúteu"!
E não consegue pagar...	"Inúteu"!
"Inúteu"!	"Inúteu"!
A gente somos "inúteu"!	"Inúteu"!
"Inúteu"!	Inú! inú! inú...
A gente somos "inúteu"!	
"Inúteu"!	Roger Moreira

A canção *Inúteis*, do grupo Ultraje a Rigor, de forma irreverente, faz uma crítica social cheia de ironia a nossa sociedade e ao nosso sistema educacional e que continua ainda

hoje bastante atual. Propositivamente, eles cantam “*a gente somos ‘inúteu’!*” Numa clara alusão ao nosso falido sistema educacional. Talvez a única parte da canção que está desatualizada seja “*a gente faz filho/ e não consegue criar*”, porque há um programa governamental para isso.

Uma das maiores dificuldades que encontramos, como professores de filosofia no Ensino Médio, é a questão da linguagem. Como se fazer entender por nosso público de adolescentes e jovens, ligados à uma cultura da imagem, da música, dos games e da *Internet*.

O intento de deflagrar um processo filosofante, porém, se faz ainda mais problemático – diríamos quase dramático-, quando consideramos que o nosso público é de adolescentes e jovens imersos em uma cultura de massa, bombardeados por imagens que engolem apressados, sem nenhuma reflexão. A nossa sociedade, rápida, descartável e consumista, não propicia a concentração mental necessária ao ato filosófico então, como vencer esse abismo e fazer o jovem leitor se interessar pela filosofia? Como impedir que esta seja apenas letra morta, mas que tenha um significado existencial, suscitando questionamentos em relação a nossa sociedade, desinteressada em refletir sobre si mesma? Consideramos que a resposta está na própria filosofia: tratando-a como um modo de questionar a existência do ser humano, enraizado na realidade; superando a visão de descrição fria e monótona de sistemas filosóficos difíceis, que não dialogam com as pessoas comuns (INCONTRI; BIGHETO, 2010, p. 3-4).

Segundo Michel Maffesoli, em *A conquista do presente*, o conhecimento deve partir sempre da realidade e permanecer em contato com essa situação inicial. Nesse sentido, a Filosofia apresentada aos alunos precisa manter a sua especificidade de questionamento da existência do ser humano, da realidade e da sociedade. Uma Filosofia que fale também às pessoas comuns, no seu presente, no seu cotidiano.

Assim, podemos dizer, o desinteresse frente às ideologias transbordantes e distanciadas resulta do fato de que se assiste ao nascimento de uma multiplicidade de modos de conceber o viver diário que repousam sobre valores próximos: vivido e proxemia. Esse sentido da concretude da existência pode, desde agora, ser considerado como uma expressão de boa saúde, como expressão de uma “vitalidade” própria. Vitalismo que engendra, de alguma maneira, um pensar orgânico, evidentemente com as qualidades próprias a esse gênero de pensar, a saber: insistência na intuição penetrante; visão interna da compreensão; abordagem global, holística, dos diversos elementos do dado e da experiência comum, o que com outras qualidades, é sentido como constituinte de um saber vivido. Alguns autores – raros, é verdade – insistiram nesse pensar orgânico. Podemos remeter a Wilhelm Dilthey naturalmente, mas igualmente a todo pensamento de inspiração nietzschiana que vai privilegiar o cotidiano e seus aspectos palpáveis, emocionais, coletivos, conjuntivos (MAFFESOLI, 2001, p. 16).

A aproximação dos temas filosóficos do cotidiano dos educandos, através da linguagem dos jovens e da música, apresenta-se como uma possibilidade metodológica no despertar do interesse e contribui para diminuir o abismo existente entre os alunos, os conteúdos da filosofia e a linguagem dos professores, como observa Incontri e Bigheto (2010, p. 3-4):

A filosofia nasce sempre de questões radicais, que dizem respeito à humanidade enquanto tal, e ninguém deveria se sentir excluído da capacidade de filosofar. Assim, trata-la em conexão com seus contextos históricos e, ao mesmo tempo, com a atemporalidade de seus temas, sempre pertinentes ao ser humano, é uma forma de aproximá-la das pessoas. É preciso mostrar, sobretudo ao adolescente e ao jovem, que a filosofia tem perguntas e que procura respostas a respeito de problemas e situações que são sempre atuais, que lhes tocam de perto.

Dentro desta perspectiva, realizou-se, em 2007, o 1º Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia e Filosofia. Neste encontro foram levantados os quatro principais desafios do ensino dessas duas disciplinas: 1º Desafio: A formação (quem pode lecionar?), 2º Desafio: Os conteúdos (o que lecionar?), 3º Desafio: A carga horária (quanto tempo para ensinar?), 4º Desafio: As metodologias (como ensinar?), (CARVALHO, 2008).

Cada um desses desafios foi enfrentado e no final do encontro levantou-se sugestões e possibilidades de superação por parte dos professores das duas disciplinas (CARVALHO, 2008).

Em relação ao primeiro desafio o ideal é que as disciplinas sejam ministradas por professores formados na própria disciplina. Para isso é necessário mais concursos, além do cuidado na formação dos professores de Filosofia e Sociologia.

No caso do segundo desafio, sem uma educação preocupada apenas com o conteúdo, enciclopedista, bancária e de uma falsa erudição. Os conteúdos deveriam ser selecionados pelos professores junto com os alunos.

O terceiro desafio trata da questão da carga horária das disciplinas. É consenso que o tempo é muito pouco, com uma única aula por semana e que não dá pra fazer muita coisa. A luta é pelo aumento dessa carga horária, de uma para duas ou três aulas por semana. No estado de São Paulo já são duas aulas semanais, resultado do engajamento dos professores em defesa da educação e da profissão. O ideal é que essa conquista seja ampliada para outros estados e em âmbito nacional.

Finalmente, o quarto desafio trata da questão da metodologia. Com a ajuda das OCN podemos buscar inovação nas metodologias e inventar caminhos e formas de ensinar a Filosofia e a Sociologia. Com criatividade é possível lançar mão de filmes, quadrinhos, poesias, música, teatro e tantos outros recursos (CARVALHO, 2008).

São inúmeras e variadas as dificuldades como também são muitos e variados os desafios do ensino de Filosofia no Ensino Médio no nosso País (CORNELLI; CARVALHO; DANELON, 2010).

Poucas pessoas discordaram da afirmação de que o ensino no Brasil vai muito mal. É um fenômeno generalizado que começa na alfabetização e chega ao Ensino Superior, já que são etapas complementares de um mesmo modelo de educação falido (SILVA, 2014a, p. 45).

De acordo com Silva (2014a), vários motivos podem ser apontados para essa falência do modelo de educação no nosso país: famílias desestruturadas que não propiciam apoio e estímulo às crianças e aos jovens educandos; professores mal remunerados e quase sempre despreparados; escolas sem estrutura física adequada e suporte tecnológico defasado; demagogia (e corrupção) na aplicação dos poucos recursos públicos (SILVA, 2014a, p.45). Esses são alguns dos graves problemas que afligem a educação no Brasil.

Nesse sentido, podemos perceber que o ensino de Filosofia enfrenta os problemas gerais decorrentes das mazelas da educação do nosso país e, ao mesmo tempo, os seus desafios específicos.

O *blog* da professora Márcia Tiburi na *Revista Cult*, traz, no ano passado, uma carta do professor paraibano Marcelo Barna, em que ele pede ajuda por não saber como trabalhar com seus alunos nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. O professor Marcelo Barna é aluno do segundo semestre de um Curso de Graduação em Filosofia e já está em sala de aula lecionando Filosofia. Vamos a sua carta:

“Olá Marcia, será que vc pode me ajudar? Estou no segundo semestre de filosofia. Sou professor da rede estadual da disciplina de filosofia. Gostaria de ter um método de ensino que despertasse o interesse dos alunos, já que percebo a apatia e desinteresse deles, pela filosofia e por outras matérias e pelo estudo. Parece que nada lhes interessa, e isso começa a me atingir, pois as aulas resumem-se em escrita na lousa e cópia por parte deles. Ao levantar uma questão simplesmente eles se calam, não participam, não se expressam. O que será que está acontecendo com os nossos jovens? O que ou como eu poderia “despertá-los” de um sono profundo que talvez seria a ignorância. Por gentileza se vc tiver alguma sugestão, me ajude. Venho pesquisando metodologias, bibliografias, mas ainda não me identifiquei com algo que eu poderia utilizar. Mais uma vez muito obrigado pela sua atenção, e levando em consideração sua agenda e seus compromissos, apenas uma palavrinha já me ajudaria. Grato Marcelo.” (MARCELO apud TIBURI, 2013).

Podemos, através da análise desta carta, perceber os vários problemas, mencionados acima, que o ensino de Filosofia no Ensino Médio está enfrentando. Em primeiro lugar o professor Marcelo ainda não tem a formação exigida para estar em sala de

aula. No entanto, ele é professor, uma vez que está preocupado em desenvolver um bom trabalho com os seus alunos em sala de aula.

Os outros problemas são: o desinteresse dos alunos pelos estudos e pela disciplina Filosofia; a não participação dos alunos nas discussões e debates em sala de aula; a falta de recursos didáticos nas nossas escolas, além do quadro e giz; a falta de formação dos professores da disciplina Filosofia; as dificuldades metodológicas e de linguagem dos professores de Filosofia, que motivem os alunos para as aulas de Filosofia. A professora Márcia Tiburi respondeu no próprio blog as interpelações do professor Marcelo Barna.

### 3. METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA

A metodologia utilizada pelo professor em sala de aula depende da compreensão dos pressupostos de aprendizagem empregados pelas diferentes tendências pedagógicas na prática escolar brasileira.

A prática escolar está sujeita a condicionamentos de ordem sociopolítica que por sua vez implicam diferentes concepções de homem e de sociedade e, naturalmente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola e da aprendizagem. O modo como os professores realizam o seu trabalho na escola está diretamente ligado a esses pressupostos, seja de forma explícita ou mesmo implicitamente (SILVA, 2014b).

Embora seja difícil estabelecer uma síntese dessas diferentes tendências pedagógicas, que se refletem no ecletismo do ensino atual; podemos citar seis tendências de ensino-aprendizagem que estão presentes, ao longo da nossa história, nas práticas pedagógicas dos professores nas escolas do País: a tradicional, a escola nova, a tecnicista, a libertária, a libertadora e a crítico-social dos conteúdos (MIZUKAMI, 1986).

Novos avanços no campo da Psicologia da Aprendizagem, bem como a revalorização das ideias de psicólogos interacionistas, como Piaget, Vygotsky e Wallon, e a autonomia da escola na construção de sua Proposta Pedagógica, a partir da LDB 9.394/96, exigem uma atualização constante do professor. Através do conhecimento dessas tendências pedagógicas e dos seus pressupostos de aprendizagem, o professor terá condições de avaliar os fundamentos teóricos empregados na sua prática em sala de aula (SILVA, 2014b, p. 12).

A tendência tradicional tem como fundamento as teorias *behavioristase* coloca o professor como o único responsável pelo processo do ensino-aprendizagem:

Algumas dificuldades são apontadas a esta teoria. Numa concepção *behaviorista* de aprendizagem, o aluno é passivo, acrítico e mero reprodutor de informação e tarefas. O aluno não desenvolve a sua criatividade e, embora se possam respeitar os ritmos individuais, não se dá suficiente relevo à sua curiosidade e motivação intrínsecas. O aluno pode, inclusive, correr o risco de se tornar apático, porque excessivamente dependente do professor. Por outro lado, não há preocupação em ensinar a pensar. O ensino realça o *saber fazer* ou a aquisição e manutenção de respostas. A aula deve ser centrada no professor, que controla todo o processo, distribui as recompensas e, eventualmente, a punição (VASCONCELOS; PRAIA; ALMEIDA, 2003, p. 12).

Já a tendência da Escola Nova, tem o aluno como o responsável pela aquisição do conhecimento. O aluno é o centro do processo. O professor é um colaborador, ele não ensina, ajuda o aluno a aprender. No processo de ensino-aprendizagem, usa-se dinâmicas de grupo, debate, pesquisa. O aluno aprende, fazendo. O verdadeiro conteúdo escolar é o aprender a aprender. A escola deve ser uma imitação da vida. Ser viva, alegre, cheia de

estímulos e desafios característicos da vida real. No Brasil essa tendência está ligada ao movimento dos Pioneiros da Educação e desenvolveu grande influência dos anos 1930 até hoje.

A terceira tendência, a Tecnicista, teve também um grande desenvolvimento no Brasil nos anos setenta, como sabemos, devido à imposição do regime militar. O destaque é dado ao domínio de habilidades técnicas e ao preparo para o mercado de trabalho (PILETTI, 1991). Essa tendência preocupa-se em fornecer ao aluno informações objetivas e rápidas para o bom desempenho no trabalho, testes e exames. O professor é um “técnico”, discurso das competências e desenvolve-se o didatismo.

Outra importante tendência da educação no Brasil é a Libertária. Essa tendência defende a autogestão e a autonomia dos alunos e professores. É uma tendência pedagógica não diretiva que entende que todos devem determinar os parâmetros administrativos e pedagógicos sem hierarquias (GADOTTI, 1993). Interessa-se pela forma de apreensão dos conteúdos. Tem também uma postura antiautoritária. Propõe a abolição do sistema punitivo de notas, exames e frequência (PILETTI, 1991).

Fundada principalmente no pensamento de Paulo Freire, a Tendência Libertadora irá contribuir de maneira decisiva nos rumos da educação brasileira a partir do final dos anos cinquenta, assim como nas décadas seguintes, sendo ainda atual até hoje. Propõe a transformação da prática social das classes populares. É melhor desenvolvida fora das escolas em instituições da sociedade civil. Os conteúdos devem estar relacionados à prática cotidiana da vida dos educandos. Assim deve-se problematizar as situações vividas pelos próprios educandos (FREIRE, 2003).

Mas a tendência pedagógica que exerce maior influência na nossa educação talvez seja a Crítico-social dos conteúdos. Essa tendência entende a escola como reprodutora das desigualdades sociais (SAVIANI, 1988). Ela também valoriza a escola pública. Acredita na mudança social através da instrumentalização da classe popular com a aquisição de um saber erudito da cultura universal, intelectuais orgânicos de Gramsci. Tem como objetivo ampliar o exercício da cidadania. Para essa tendência os métodos devem estar subordinados aos conteúdos. Busca-se métodos de ensino eficazes; que estimulem a atividade e incentivem os alunos; promovam o diálogo e despertem o interesse dos educandos (SAVIANI, 1989).

Além dessas tendências temos também a presença da teoria construtivista que também influencia fortemente as reflexões e as práticas dos educadores.

A presença da Filosofia no Ensino Médio poderá contribuir para essa reflexão acerca das abordagens e das práticas pedagógicas nas nossas escolas. A opção por uma

metodologia que desenvolva a autonomia dos jovens educandos; abandonando assim os paradigmas tradicionais, onde os alunos são considerados meros ouvintes, expectadores ou alvos de um ensino que tem o professor como detentor do conhecimento e do saber, que são depositados nos educandos – dentro do modelo que Paulo Freire (FREIRE, 2003) chama de *educação bancária* – em nome de um novo paradigma, onde os jovens são os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem na produção ou construção do conhecimento (FREIRE, 2003).

Uma amostra desse modelo de educação bancária que ainda perdura nas nossas escolas é a música *Estudo Errado*, do cantor de *rapper* Gabriel – o Pensador, que veremos a seguir. Nessa canção podemos perceber todas as dificuldades e desafios que nós educadores enfrentamos na nossa atividade no cotidiano da sala de aula, na tentativa de desenvolver um ensino com sentido para os jovens educandos.

### **Estudo Errado - Gabriel O Pensador**

Eu tô aqui Pra quê?  
Será que é pra aprender?  
Ou será que é pra aceitar, me  
acomodar e obedecer?  
Tô tentando passar de ano pro  
meu pai não me bater  
Sem recreio de saco cheio  
porque eu não fiz o dever  
A professora já tá de marcação  
porque sempre me pega  
Disfarçando espiando colando  
toda prova dos colegas  
E ela esfrega na minha cara um  
zero bem redondo  
E quando chega o boletim lá  
em casa eu me escondo  
Eu quero jogar botão,  
videogame, bola de gude  
Mas meus pais só querem que  
eu "vá pra aula!" e "estude!"  
Então dessa vez eu vou estudar  
até decorar cumpádi  
Pra me dar bem e minha mãe  
deixar ficar acordado até mais  
tarde  
Ou quem sabe aumentar minha  
mesada  
Pra eu comprar mais revistinha  
(do Cascão?)  
Não. De mulher pelada  
A diversão é limitada e o meu  
pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é  
censurada (vai pra casa  
pirralhada!)  
A rua é perigosa então eu vejo  
televisão  
(Tá lá mais um corpo estendido  
no chão)  
Na hora do jornal eu desligo  
porque eu nem sei nem o que é  
inflação  
- Ué não te ensinaram?  
- Não. A maioria das matérias  
que eles dão eu acho inútil  
Em vão, pouco interessantes,  
eu fico pu...  
Tô cansado de estudar, de  
madrugar, que sacrilégio  
(Vai pro colégio!!)  
Então eu fui relendo tudo até a  
prova começar  
Voltei louco pra contar:  
Manhê! Tirei um dez na prova  
Me dei bem tirei um cem e eu  
quero ver quem me reprova  
Decorei toda lição  
Não errei nenhuma questão  
Não aprendi nada de bom  
Mas tirei dez (boa filhão!)  
Quase tudo que aprendi,  
amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei,  
mas não entendi

Quase tudo que aprendi,  
amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei,  
mas não entendi  
Decoreba: esse é o método de  
ensino  
Eles me tratam como ameba e  
assim eu num raciocino  
Não aprendo as causas e  
consequências só decoro os  
fatos  
Desse jeito até história fica  
chato  
Mas os velhos me disseram que  
o "porque" é o segredo  
Então quando eu num entendo  
nada, eu levanto o dedo  
Porque eu quero usar a mente  
pra ficar inteligente  
Eu sei que ainda num sou gente  
grande, mas eu já sou gente  
E sei que o estudo é uma coisa  
boa  
O problema é que sem  
motivação a gente enjoa  
O sistema bota um monte de  
abobrinha no programa  
Mas pra aprender a ser um  
ingonorante (...)  
Ah, um ignorante, por mim eu  
nem saía da minha cama (Ah,  
deixa eu dormir)

Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre  
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste  
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?  
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!  
Ou que a minhoca é hermafrodita  
Ou sobre a tênia solitária.  
Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)  
Vamos fugir dessa jaula!  
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)  
Não. A aula  
Matei a aula porque num dava  
Eu não aguentava mais  
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais  
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam  
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)

Íííh... Sujô (Hein?)  
O inspetor!  
(Acabou a farrá, já pra sala do coordenador!)  
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar  
E me disseram que a escola era meu segundo lar  
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente  
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!  
Então eu vou passar de ano  
Não tenho outra saída  
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida  
Discutindo e ensinando os problemas atuais  
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais  
Com matérias das quais eles não lembram mais nada  
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

Refrão  
Encarem as crianças com mais seriedade  
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade  
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância a exploração e a indiferença são sócios  
Quem devia lucrar só é prejudicado  
Assim cês vão criar uma geração de revoltados  
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio  
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...  
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio! / Mas é só a verdade professora! / Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego.

A letra da música *Estudo Errado*, de Gabriel – o Pensador, retrata de forma bastante realista a situação da educação no nosso País. Infelizmente, ela constata o descompasso, as incoerências e a distância da escola da realidade dos alunos. No entanto, a música apresenta um forte desejo de que a escola venha a ser diferente, além de reconhecer o valor da instituição escolar, e demonstrar também esperança de que ela possa de fato ser significativa para crianças, adolescentes, jovens e adultos que a frequentam.

O ponto central da Filosofia parece ser o seu caráter de constante reflexão crítica da realidade. Nesse sentido, o papel do professor de Filosofia é ajudar seus alunos a saírem do mundo das aparências, do senso comum, da caverna, em direção ao mundo do conhecimento racional (SAVIANI, 1989). Para isso, é necessário identificar o contexto social, político, econômico e cultural em que estão inseridos os jovens educandos do Ensino Médio. Partindo do cotidiano desses jovens, problematizar a realidade através de um debate construtivo. Mas isso só será possível numa interação entre o professor e os alunos, que se estabelece por meio de uma prática educativa dialética e dialógica. Esta prática educativa, por sua vez, tem como base a compreensão de que somos seres em construção, portanto, seres inconclusos (FREIRE, 2003).

Geralmente os professores de Filosofia no Ensino Médio têm três opções de metodologia para trabalhar os conteúdos da disciplina em sala de aula. Pode-se adotar a abordagem histórica, a temática ou a problemática. No entanto, é claro que a segunda e a terceira formas de apresentar a disciplina não pode prescindir de uma visão geral da história da Filosofia; sem a qual os conhecimentos filosóficos ficaram superficiais, descontextualizados e sem sentido. Essa compreensão é defendida por Gilberto Cotrim ao justificar seu livro *Filosofia Temática*:

Assim, *Filosofia Temática* expõe grandes temas filosóficos como: cultura, trabalho, ideologia, consciência crítica, teoria do conhecimento, epistemologia, ética, política e estética. Além disso, na parte 2, intitulada Grandes filósofos, o livro traz importantes referências sobre o pensamento dos mais significativos filósofos ocidentais (COTRIM, 2008, p. 3).

A opção pela abordagem temática da Filosofia, articulada com a história da Filosofia, parece ser a mais adequada para o Ensino Médio. Portanto, o trabalho com música em sala de aula está sendo realizado a partir dos temas filosóficos, como veremos mais adiante no capítulo seis.



## 4. OS JOVENS COMO SUJEITOS DA EDUCAÇÃO

### Somos quem podemos ser – Engenheiros do Hawaii

Um dia me disseram	O que era raro ficou comum
Que as nuvens não eram de algodão	Como um dia depois do outro
Um dia me disseram	Como um dia um dia comum
Que os ventos as vezes erram a direção	A vida imita o vídeo
E tudo ficou tão claro	Garotos inventam um novo inglês
Como um intervalo na escuridão	Vivendo num país sedento
Uma estrela de brilho raro	Num momento de embriaguez
Um disparo para o coração	Somos quem podemos ser
A vida imita o vídeo	Sonhos que podemos ter
Garotos inventam um novo inglês	Um dia me disseram
Vivendo num país sedento	Que as nuvens não eram de algodão
Num momento de embriaguez	Um dia me disseram
Somos quem podemos ser	Que os ventos as vezes erram a direção
Sonhos que podemos ter	Quem ocupa o trono tem culpa
Um dia me disseram	Quem oculta o crime também
Quem eram os donos da situação	Quem duvida da vida tem culpa
Sem querer eles me deram	Quem evita a dúvida também tem
As chaves que abrem essa prisão	Somos quem podemos ser
E tudo ficou tão claro	Sonhos que podemos ter

“*Somos quem podemos ser / sonhos que podemos ter*”, estes versos, da canção da banda Engenheiros do Hawaii, são o retrato da juventude. Os conflitos e os sonhos que marcam essa geração estão expressos nessa música.

De acordo com o texto (O ADOLESCENTE, 2014) da disciplina Psicologia Educacional da UFRGS, sem dúvida, o adolescente é o centro das discussões atuais nas escolas, na mídia e em outros meios. Muitos tentam orientar sobre como lidar com os adolescentes, mas são poucos os que conseguem. Ainda segundo o texto, uma das melhores técnicas é ser direto, claro, objetivo e honesto ao falar com os adolescentes. Pois, usar de meios que são úteis com crianças; mas que não são ineficazes com eles; só faz com que estes fiquem desconfiados dos adultos e se afastem, isolando-se e fechando-se em si mesmos, e em seus grupos, e repetindo aquela famosa frase: “Ninguém me entende”.

O adolescente, assim como todo o ser humano, existe para ser respeitado, compreendido e amado por seus semelhantes. Estes são os princípios nos quais devemos balizar nossas ações dirigidas aos adolescentes. A compreensão de que as concepções dele estão vinculadas a uma fase peculiar e de extrema importância para a sua constituição física, mental, emocional e espiritual, são primordiais para o cumprimento da obrigação maior que cabe a adultos e professores: educá-los (O ADOLESCENTE, 2014, p.2).

Sabemos que o aluno não é um ser passivo que nada tem a oferecer de interessante para a construção do conhecimento. Precisamos afetar o comportamento do adolescente no sentido de despertar-lhe para seus próprios potenciais de aprendizado. Sentindo-se apto à construir conhecimento, o aluno encontrará sentido na escola. Desta forma ele tornar-se-á receptivo aos ensinamentos do professor, e sentirá segurança em afirmar suas opiniões.

Partindo de uma perspectiva dialética e dialógica, precisamos ensinar os adolescentes a usarem esse poder que também possuem. Para, dessa forma, construir diálogos de protagonistas. O poder comunicativo do aluno é imprescindível na construção do processo de aprendizagem. O domínio da palavra por parte dos educandos é fundamental nesse processo efetivamente democrático (SAVIANI, 1988).

Quando o aluno é respeitado como protagonista dentro da sala de aula, tão importante no processo de aprendizado quanto o professor, ele sente seus órgãos sensoriais (sentidos) e a cognição (percepção, memória, interpretação, pensamento, crítica e criação) aptos para uso no processo de aprendizagem. Construir um novo modelo de relação com o adolescente. Principalmente no sentido de apresentar alternativas que permitam ao adolescente desenvolver sua capacidade criativa. Sua capacidade de protagonizar a cena escolar. De ser também sujeito, e não somente um espectador que vai a aula ouvir o professor e sujeitar-se as suas representações de sabedoria (O ADOLESCENTE, 2014, p. 2).

Nesse sentido, o referido texto cita um especialista no assunto, Antônio Carlos Gomes da Costa, que explica:

Ou seja, o protagonismo pressupõe, para o autor, a criação de espaços e de mecanismos de escuta e participação. Para isso, é preciso conceber os adolescentes como fontes e não simplesmente como receptores ou porta-vozes daquilo que os

adultos dizem ou fazem com relação aos adolescentes (COSTA apud O ADOLESCENTE, 2014, p. 3).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) falam de sujeitos com múltiplas dimensões, atravessamentos sociais e culturais, produzindo assim também múltiplas culturas juvenis:

Os estudantes do Ensino Médio são predominantemente adolescentes e jovens. Segundo o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), são considerados jovens os sujeitos com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos, ainda que a noção de juventude não possa ser reduzida a um recorte etário (Brasil, 2006). Em consonância com o CONJUVE, esta proposta de atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio concebe a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes (BRASIL, 2013, p. 155).

Como nos diz o professor Juarez Dayrell, autor do livro *A música entra em cena – o rap e o funk na socialização da juventude* (UFMG: 2005), os nossos educandos no Ensino Médio são os adolescentes e os jovens, que são sujeitos na vida social e também na educação. Eles não são seres incompletos no sentido que só se tornaram seres humanos quando forem adultos no futuro (DAYRELL, 2003).

Por outro lado, nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, *o que ainda não chegou a ser* (Salem, 1986), negando o presente vivido. Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro (DAYRELL, 2003, p. 40-41).

Para o pensador Michel Maffesoli os elementos centrais na cultura jovem das *tribos urbanassão* a música e a internet (MAFFESOLI, 1987). Também para Juarez Dayrell a música é o elemento central na vida dos adolescentes e jovens, junto com os games, os esportes, a dança, as redes sociais, a internet, a cultura, a moda e as artes em geral (DAYRELL, 2003).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN (BRASIL, 2013), os jovens e os adolescentes são os verdadeiros protagonistas da educação no Ensino Médio:

Entender o jovem do Ensino Médio dessa forma significa superar uma noção homogeneizante e naturalizada desse estudante, passando a percebê-lo como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Além disso, deve-se também aceitar a existência de pontos em comum que permitam tratá-lo como uma categoria social. Destacam-se sua ansiedade em

relação ao futuro, sua necessidade de se fazer ouvir e sua valorização da sociabilidade. Além das vivências próprias da juventude, o jovem está inserido em processos que questionam e promovem sua preparação para assumir o papel de adulto, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar (BRASIL, 2013, p.155).

As DCN também apontam a falta de sentido das nossas escolas como um dos motivos do seu abandono por parte dos adolescentes e jovens quando conseguem entrar no mercado de trabalho.

Muitos jovens abandonam a escola ao conseguir emprego, alegando falta de tempo. Todavia, é possível que, se os jovens atribuíssem um sentido mais vivo e uma maior importância à sua escolarização, uma parcela maior continuasse frequentando as aulas, mesmo depois de empregados (BRASIL, 2013, p. 156).

Segundo Dayrell (2003), podemos entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos. Para ele, a juventude não é apenas uma fase, mas constitui um momento determinado que tem uma relevância em si mesma. Este processo, por sua vez, é influenciado pelo meio social concreto dos jovens e pela qualidade da interação que estes desenvolvem. Portanto, “é nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Para Simone de Nardi Grama, em seu artigo *Educação brasileira: uma visão filosófica* (GRAMA, 2013), uma verdadeira transformação na educação praticada no país não deve ignorar um dos atos mais sublimes da humanidade: o pensamento livre e responsável. Nesse sentido, o ensino de Filosofia pode contribuir para a formação de jovens livres e responsáveis:

A educação pode contribuir para muitas transformações sociais, desde que seja realmente encarada como desenvolvimento individual, desde que consiga se envolver com os conteúdos a serem informados, com a prática deles na vida real e vice-versa, desde que a instituição esteja realmente envolvida com a aprendizagem e não com a formação de corpos dóceis. De nada adiantarão as novas tecnologias educacionais, como o ensino à distância, se a informação, a aprendizagem e a liberdade foram esquecidas, até porque, podemos ver que a educação pode ser uma ferramenta de transformação social e não apenas de transmissão cultural como foi durante séculos, uma educação ditatorial onde prevalece o interesse de alguns em detrimento de outros, é preciso que os alunos sintam essa necessidade de aprender não apenas por aprender, mas sabendo que podem se transformar e transformar a sociedade, é preciso que os alunos e professores sintam a necessidade de construir e se reconstruir, de pensar a realidade social e de ser verem envolvidos nela, dentro de suas capacidades de escolherem e mais do que isso, de agirem. Sartre dizia que o ser humano é liberdade, então a educação deve ser liberdade, se for utopia ou não, somente saberemos daqui a alguns anos, já que pensar o novo sempre nos parece incerto no presente, pois temos, muitas vezes, medo de reinventar nosso futuro; temos medo do novo, por isso nos apegamos àquilo que já sabemos e que dominamos (GRAMA, 2013, p. 22).

## 5. FILOSOFIA E MÚSICA: DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE

### Guardas da fronteira – Engenheiros do Hawaii

Antes de atirar o vaso na tv	Nos cerca muito bem
Eu ouvi o que ela dizia	E as crises e cicatrizes
"Quando não houver mais amanhã	Não nos deixam ir além
Será um belo dia"	Além do mito
Estranha coisa pra se dizer	Que limita o infinito
Antes de dizer os números da loteria	E da cegueira
Mas é assim que eles fazem	Das barreiras das fronteiras
E fazem muito bem	Falado:
E nós não fazemos nada, nada, nada	Foi então que eu resolvi jogar
Nada além	As cartas na mesa e o vaso pela janela
Além do mito	Só pra ver o que acontece na vida
Que limita o infinito	Quando alguém faz o que quer com ela
E da cegueira	Acontece que eu não tenho escolha
Dos guardas da fronteira	Por isso mesmo é que eu sou livre
Além do mito que limita o infinito	Não sou eu o mentiroso
E da cegueira	Foi Sartre quem escreveu o livro
Dos guardas da fronteira	Não sou afim de violência
Antes de atirar minha tv pela janela	Mas paciência tem limite
Eu ouvi o que ela dizia	Além do mito que limita o infinito
"Quando não houver mais ninguém	Além do dia-a-dia
Será um belo dia"	Que esvazia a fantasia
Estranha coisa pra se dizer	Além do mito que limita o infinito
Antes de vender mais mercadoria	Além do dia-a-dia
Mas é assim o mundo que nos cerca	



A banda gaúcha *Engenheiros do Hawaii* é, sem dúvida, a que mais trabalha com a filosofia em suas canções (FRANZ, 2007). Nessa belíssima canção *Guardas da Fronteira*, temos referências diretas ao existencialismo de Jean-Paul Sartre. Os guardas da fronteira são os cães de guarda do sistema, são os canalhas citados por Sartre em suas peças teatrais. O dia-a-dia empobrece a nossa existência, e ficamos sobre a mira da cegueira dos guardas de todas as fronteiras. Pois o mito, o dia-a-dia; limita o infinito, esvazia a fantasia. Mas, “acontece que eu não tenho escolha/ por isso mesmo é que eu sou livre”.

Quando surgiu a banda Engenheiros do Hawaii, Gessinger utilizou-se de um experimentalismo de sons herdados da Bossa-Nova, Jovem Guarda, Tropicalismo e do Rock Progressivo, do qual ainda traz como marca em suas composições o conceitualismo, isto é, um engajamento em torno de um tema. Assim, também estão presentes nessa obra a filosofia existencialista de Camus, Nietzsche e Sartre; a linguagem social dos livros de Ferreira Gullar, John Fante, Arthur Rimbaud e George Orwell; bem como os aspectos regionais e nacionais, característicos das obras de Moacyr Scliar, Carlos Drummond de Andrade e Josué Guimarães (FRANZ, 2007, p. 11).

A música ocupava um lugar central na vida do povo grego. Estava presente nas festas religiosas, nos jogos, na tragédia e na comédia. Aliás, a música está presente em todas as épocas e em todos os povos e culturas, assim como também em todas as fases do desenvolvimento da pessoa humana.

Para Platão, a música constitui-se no primeiro aprendizado depois da ginástica:

- Será certo, ó Glauco, como creem alguns, que as duas artes da Música e da Ginástica se destinam, uma a atender à alma e a outra ao corpo?
- Pois que outro fim poderão ter?
- É muito provável – disse eu – que tanto uma como a outra tenham sido criadas com vistas, sobretudo, no aperfeiçoamento da alma” (PLATÃO, s/d, p. 73).

A música, portanto, na visão de Platão é fundamental para o fortalecimento da alma do jovem aprendiz. Através dos três elementos que compõem a melodia: a letra, a harmonia e o ritmo, é possível empreender um processo educativo que será mais eficaz na medida em que utilizarmos a música como um instrumento para o ensino dos jovens educandos:

- E não é ao princípio racional que compete o governo, em virtude de sua prudência e da previsão que exerce sobre a alma inteira, assim como ao princípio irascível cabe ser seu súdito e aliado?
- Indubitavelmente.
- E, como dizíamos, a influência combinada da Música e da Ginástica porá a ambos de acordo, vigorizando e nutrindo a razão com boas palavras e ensinamentos, enquanto modera e civiliza a cólera por meio da harmonia e do ritmo?
- Por certo – disse ele” (PLATÃO, s/d, p. 99).

Já para Aristóteles, a música, assim como a arte em geral é *mimese*, uma cópia da realidade, mas parte integrante do mundo real. Na *Poética*, Aristóteles, desenvolve sua teoria da arte, que irá influenciar definitivamente toda a visão da arte no mundo ocidental:

Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu: é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...), diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal e esta o particular (ARISTÓTELES, 1987, p. 209).

Tendo em vista essa consideração de Aristóteles do caráter mimético da arte não como mera imitação, mas como reconfiguração do existente a partir da verossimilhança e da necessidade, podemos traçar uma relação entre a arte em geral, e a música em particular, com a filosofia.

Nesse sentido, vemos que a música teve sempre, desde a antiguidade até hoje, um papel de destaque como um instrumento de ensino – aprendizagem, além de sua importância para a estetização da existência.

“*Sem música, a vida seria um erro!*” Esta frase, que encontrasse como epígrafe desse trabalho, é do filósofo Friedrich Nietzsche, um apaixonado pela música. Tanto que dedicou grande parte de sua obra a estudá-la. Vários pesquisadores e comentadores do pensamento do filósofo alemão destacam a relação entre a sua filosofia e a arte, em especial, a música. Como nos diz Thomas Mann:

Friedrich Nietzsche, um vidente da humanidade superior, alguém que buscava a superação de si mesmo, tinha como base filosófica a consagração da vida, cheia de força e vigor. O filósofo era venerador de Wagner e de Schopenhauer e dizia que a Arte e a Filosofia eram os guias verdadeiros da vida” (MANN apud OLIVEIRA: 2010, p. 48).

Esses dois grandes filósofos, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, influenciaram bastante o cantor e compositor baiano Raul Seixas (LUCENA,2009). Muitas de suas composições têm como inspiração a filosofia deles, além de outras correntes do pensamento contemporâneo. Mas não só o Raul Seixas tem a sua música inspirada na filosofia. Diversos compositores brasileiros têm canções influenciadas pela filosofia, como por exemplo Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré, Vinícius de Moraes, Oswaldo Montenegro, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Rita Lee, Gonzaguinha, Zé Geraldo, Belchior, Tom Zé, Cazusa, Renato Russo, Humberto Gessinger, Arnaldo Antunes, Lobão, Zeca Baleiro, Pitty, etc.

Ainda segundo Oliveira (2010, p. 45), “Filosofia e Música podem ser aproximadas de modo que uma ajude a compreender a outra, realizando assim um silogismo pela arte de pensar.”

Para o filósofo Arthur Schopenhauer a música assim como a filosofia aproximam o homem da essência verdadeira de todas as coisas:

Todos os possíveis esforços, emoções da vontade, tudo aquilo que se passa no interior do homem, e que a razão lança no amplo conceito negativo de sentimento, pode exprimir-se pelas infinitas melodias possíveis, mas sempre na universalidade da mera forma, sem o conteúdo, sempre segundo o em-si nunca segundo o fenômeno, como que sua alma mais íntima, sem o corpo. A partir desta íntima relação que a música tem com a essência verdadeira de todas as coisas, pode-se também explicar por que, quando soa uma música adequada a alguma cena, ação, evento, circunstância, está nos parece abrir seu sentido mais secreto e se introduz como o mais correto e mais claro dos comentários; do mesmo modo que, para aquele que se abandona inteiramente ao impacto de uma sinfonia, é como se ele visse passarem diante de si todos os possíveis eventos da vida e do mundo: contudo, quanto presta atenção, não pode indicar nenhuma semelhança entre aquele jogo sonoro e as coisas que pairavam diante dele. Pois a música, como foi dito, difere de todas as outras artes por não ser cópia do fenômeno ou, mais corretamente, da objetividade adequada da vontade, mas cópia imediata da própria vontade e, portanto, apresenta, para tudo o que é físico no mundo, o correto metafísico, para todo fenômeno, a coisa em si (SCHOPENHAUER apud NIETZSCHE, 1983, p.15).

## 6. O ENSINO DE FILOSOFIA COM MÚSICA

### Admirável chip novo – Pitty

Pane no sistema, alguém me desconfigurou	Eu sempre achei que era vivo
Aonde estão meus olhos de robô?	Parafuso e fluido em lugar de articulação
Eu não sabia, eu não tinha percebido	Até achava que aqui batia um coração
Eu sempre achei que era vivo	Nada é orgânico, é tudo programado
Parafuso e fluido em lugar de articulação	E eu achando que tinha me libertado,
Até achava que aqui batia um coração	Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão
Nada é orgânico, é tudo programado	fazer:
E eu achando que tinha me libertado,	Reinstalar o sistema
Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão	Pense, fale, compre, beba
fazer:	Leia, vote, não se esqueça
Reinstalar o sistema	Use, seja, ouça, diga
Pense, fale, compre, beba	Tenha, more, gaste e viva
Leia, vote, não se esqueça	Pense, fale, compre, beba
Use, seja, ouça, diga	Leia, vote, não se esqueça
Tenha, more, gaste e viva	Use, seja, ouça, diga...
Pense, fale, compre, beba	Não senhor, Sim senhor, Não senhor, Sim
Leia, vote, não se esqueça	senhor
Use, seja, ouça, diga...	Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão
Não senhor, Sim senhor, Não senhor, Sim	fazer:
senhor	Reinstalar o sistema.
Pane no sistema, alguém me desconfigurou	PITTY. <i>Admirável chip novo</i> , DECKdisc,
Aonde estão meus olhos de robô?	2003.
Eu não sabia, eu não tinha percebido	

Em *Admirável chip novo*, a cantora Pitty inspirada em **Admirável mundo novo**, de Aldous Huxley, apresenta o mundo pós-moderno da tecnologia e seus interesses capitalistas onde tudo nos transforma em robôs, sem coração e sem liberdade. Uma reflexão em sala de aula a partir dessa canção da Pitty, pode explorar diversos temas filosóficos como liberdade, submissão, utopia, valores, natureza, cultura, consumo, arte, técnica, etc.; além da relação entre a literatura e a filosofia e as questões existenciais do sentido da vida.

Como nos lembra Marcuse, a arte tem um papel fundamental para a humanidade independentemente do sistema político-econômico vigente.

A arte só pode expressar o seu potencial radical como arte, em sua própria linguagem e imagem, a qual invalida a linguagem corrente, *a prose du monde*. A mensagem libertadora da arte também transcende as metas realmente alcançáveis da libertação, assim como transcende a crítica real da sociedade. A arte continua comprometida com a ideia (Schopenhauer), com o universal no particular; e como atenção entre ideia e realidade, entre o universal e o particular, persistirá, provavelmente, até o advento do milênio que nunca haverá, a arte tem de continuar sendo alienação. Se arte, por causa dessa alienação, não fala às massas, isso é obra da sociedade de classes que cria e perpetua as massas. Se e quando uma sociedade sem classe realizar a transformação das massas em indivíduos 'livremente associado', a arte terá perdido o seu caráter elitista mas não o seu distanciamento da sociedade. A tensão entre afirmação e negação impede qualquer identificação da arte com a práxis revolucionária. A arte não pode representar a revolução; ela pode apenas invocá-las em um outro meio, numa forma estética em que o conteúdo político tornasse meta político, governado pela necessidade interna da arte (MARCUSE apud MATOS, 2001, p.113).

Ao abordarmos a questão do ensino de Filosofia no Ensino Médio, um ponto que parece ser fundamental é que metodologia usar em sala de aula. O recurso das Artes em geral, e da música em particular, como vimos acima, vem revelando-se como uma possibilidade de viabilização do Ensino de Filosofia nesse nível escolar (FEITOSA, 2004).

Isso decorre de uma associação de vários fatores positivos dessa prática pedagógica. Em primeiro lugar, o uso da música-canção na sala de aula aproxima os professores de Filosofia da linguagem dos seus jovens alunos do Ensino Médio. Por outro lado, os conteúdos filosóficos são apresentados de forma mais leve, descontraídos e contextualizados, facilitando também o acesso desses mesmos jovens ao universo filosófico. Da mesma forma que o caráter totalizante da Filosofia estabelece uma visão interdisciplinar que colabora com essa prática pedagógica, efetivando assim um processo significante de ensino-aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio.

Para Silvio Gallo (2010), a Filosofia no Ensino Médio se justifica pela necessidade do ser humano de elaborar conceitos de forma racional para a equação dos problemas vividos no mundo. Assim, diz Gallo:

Penso que reside aí a justificativa para a necessidade da presença da Filosofia nos currículos do Ensino Médio. As diversas ciências lá estão; a experiência estética ou artística, de um outro modo também (na verdade, penso que deveríamos ter muito mais arte nos currículos, mas ao menos já temos alguma coisa). Mas e quanto às

filosofias? Os estudantes têm acesso às funções científicas, aos perceptos e afetos artísticos, mas e aos conceitos filosóficos? Sem eles, não teremos um conhecimento abrangente, uma formação abrangente (GALLO, 2010, p. 162).

De acordo com Francisco Paulo Greter (2010), a presença da Filosofia no Ensino Médio representa a possibilidade de se levar aos jovens estudantes um nível de reflexão intelectual que coloca em questão os valores estabelecidos pela sociedade, mudando o modo de compreender o mundo. Para Greter:

A educação escolar, principalmente do Ensino Médio, não pode ter o seu papel reduzido a mero preparo para o mercado de trabalho; com isso não estaremos formando nem profissionais nem cidadãos. [...] Assim sendo, é nesse ponto que entra a Filosofia como disciplina do Ensino Médio; e dentro de uma concepção de educação integral e histórico-crítica, certamente a Filosofia tem o seu lugar garantido no currículo do Ensino Médio (GRETER, 2010, p.9).

Nesse sentido, a Filosofia tem um papel fundamental na educação a partir do programa kantiano de emancipação do ser humano (KOHAN, 2010).

ESCLARECIMENTO [*<Aufklärung>*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*<Aufklärung>*] (KANT, 2012, p. 100).

Ainda segundo Kohan (2010), também para o filósofo Adorno a educação só tem sentido nessa mesma luta pela libertação do ser humano.

Para Adorno, esse programa deve estar associado a toda democracia que se preze de tal, na medida em que uma democracia se sustenta no exercício do pensamento pela livre vontade dos cidadãos. É o pensar livre e rigoroso que permite alguém determinar o que é ou não é correto de ser feito em determinada situação (...). Quando isso não acontece, quando os habitantes de uma democracia não se servem de seu próprio entendimento, quando estão sob a tutela de outrem, ela pode conduzir à barbárie, ao holocausto, como na própria história da Alemanha. Por isso, uma educação para a emancipação é também uma educação contra a barbárie.

Nesse sentido, é também conhecida a exigência primeira da educação para Adorno: “A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (...) (KOHAN, 2010, p. 204-205).

Nesse sentido, uma educação para a emancipação não pode prescindir da filosofia, mas, como nos lembra Danelon (2010) não é qualquer filosofia. É preciso estar atento ao alerta de Nietzsche:

Reconhece-se, então, a institucionalização da filosofia como um saber inserido numa macropolítica educacional. É aqui que remetemos nossa atenção ao vigoroso alerta de Nietzsche (2003, p. 210) aos perigos de uma filosofia institucionalizada, pois a filosofia deveria reconhecer “também, ao mesmo tempo, tudo aquilo que o Estado exige no seu próprio interesse: por exemplo, uma forma determinada de religião (moral), de ordem social”. Numa passagem posterior continua seu alerta: “Em primeiro lugar, o Estado escolhe para si seus servidores filósofos e, para dizer a verdade, os escolhe na medida em que tem necessidade deles para suas instituições [...]. Em segundo lugar, ele obriga aqueles que escolhe a permanecer num lugar determinado, entre homens determinados, a aí exercerem uma atividade determinada” (NIETZSCHE, 2003, p.

211). Por fim, o Estado jamais se importa com a verdade, salvo com aquela que lhe é útil – mais exatamente, ele se ocupa em geral com tudo o que lhe é útil [...] Aliança do Estado com a filosofia não tem portanto sentido, senão quando a filosofia pode prometer ser incondicionalmente útil ao Estado... (NIETZSCHE, 2003, p. 217) (DANELON, 2010, p.200).

Devemos destacar aqui as “competências e habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia”, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

“Ler textos filosóficos de modo significativo.”

“Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.”

“Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo.”

“Debater, tomando posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes.”

“Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais.”

“Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológico” (BRASIL, 1998, p. 125).

Destas seis competências expostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN/ Filosofia, podemos dizer que a utilização da música no ensino de filosofia se encaixa na segunda e na quinta competência citada acima. Através da música o professor pode trabalhar os conteúdos filosóficos de maneira leve e atraente para os alunos do Ensino Médio, ao mesmo tempo que estará trabalhando de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros, articulando filosofia, ciências e artes.

Para Werner Aguiar (2007), a importância da música para nós se dá pelo fato de que, “assim como a filosofia, ela nos lembra que a vida vale a pena ser vivida em sua plenitude poética, isto é, criativa, e que somente assim nos apropriamos daquilo mesmo que já somos e que ainda não sabemos que somos” (AGUIAR, 2007, p.21).

Segundo Arthur Meucci (2007), a música ultrapassa as mais diferentes barreiras, tornando-se um mecanismo universal de comunicação. Para ele “se a filosofia tem como uma de suas finalidades entender a vida, e tentar fazer com que o homem sofra menos com sua existência, o papel da música, assim como das outras artes, é saber qual a sua relação com o humano” (MEUCCI, 2007, p. 17).

Em *A dimensão estética*, Marcuse defende a ideia de que a Arte aproxima-se da Filosofia, pois a Arte preenche uma função cognitiva:

A arte está ligada a uma percepção do mundo que aliena os indivíduos de sua existência funcional e da realização de seu empenho funcional – a arte está voltada para a emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as áreas de subjetividade e objetividade. Mas esse sucesso supõe um grau de autonomia que

arranca a arte da potência de mistificação do dado e a libera, permitindo-lhe exprimir a verdade que lhe é própria. Na medida em que o homem e a natureza são constituídos por uma sociedade não-livre, seu potencial reprimido e deformado só pode ser representado sob uma forma quedistancia e destaca. O mundo da arte é o de um princípio de realidade diferente, o da alteridade; e é por sua alteridade que a arte preenche uma função cognitiva: comunica verdades que não são comunicáveis em nenhuma outra linguagem, ela contradiz (MARCUSE apud MATOS, 2001, p. 110).

## 6.1 Projeto *Filosofia e Música*

Desenvolvemos no ano passado com as turmas do Ensino Médio na rede pública do Estado da Paraíba o projeto *Filosofia e Música*.

Com a execução do projeto “*Filosofia e Música*” tivemos a oportunidade de contribuir na ampliação do conhecimento musical dos alunos: de Elvis Presley aos Beatles, nos anos sessenta, passando por Janis Joplin, Festival de Woodstock, Geração Hippie, a contracultura, John Lennon, Rock in Rio, Cazuzza e Renato Russo. Durante o período de execução do projeto podemos perceber o interesse dos alunos pela música e pela cultura. Alguns não conheciam essa história mundial da música; nem as bandas brasileiras dos anos oitenta e noventa, como por exemplo Titãs, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso, Ratos de porão, Ultraje a rigor, Engenheiros do Hawaii, Raimundos, Jota Quest, Chico Science e Nação Zumbi, Skank, Legião Urbana, Charlie Brown Jr. entre outros; e o projeto possibilitou o contato deles com essa cultura musical recente do nosso país.

Através desse projeto tivemos a oportunidade de abordar os temas filosóficos propostos para o Ensino Médio com a música-canção. Dessa forma, foi possível valorizar a música e, ao mesmo tempo, a leitura. Por isso, estudamos dez temas filosóficos, analisando uma ou mais músicas relacionadas a eles; e o pensamento dos filósofos e dos poetas que trataram dessas mesmas temáticas. Assim desenvolvemos também o lado lúdico da aprendizagem, com música, poesia e literatura. Contemplamos outrossim o aspecto da interdisciplinaridade.

Os dez temas abordados foram: liberdade, felicidade, verdade, vida, morte, tempo, linguagem, trabalho, ética e estética. A partir desses temas realizamos debates na sala de aula e os alunos confeccionaram cartazes sobre as canções e os pensadores referentes a cada

temática. Cada um desses temas teve também uma ou mais músicas escolhidas para análise, como veremos a seguir:

TEMAS	MÚSICAS	PENSADORES
1. LIBERDADE	“Metamorfose ambulante” – Raul Seixas e “Liberdade acima de tudo” – Charlie Brown Jr.	Jean-Paul Sartre, Jean-Jacques Rousseau e Monteiro Lobato
2. FELICIDADE	“Tarde em Itapuã” – Toquinho	Fernando Pessoa e Epicuro
3. VERDADE	“Verdades e mentiras” – Sá e Guarabira	Friedrich Nietzsche
4. VIDA	“Como uma onda” – Lulu Santos	Dalai Lama, Manoel de Barros
5. MORTE	“O que é, o que é?” - Gonzaguinha	Epicuro, Rubem Alves e Gonzaguinha
6. TEMPO	“Por enquanto” – Jota Quest e “Pais e filhos” – Legião Urbana	Michel Maffesoli, Heráclito e Parmênides
7. LINGUAGEM	“Traduzir-se” – Ferreira Gullar e “Palavras” – Titãs	L. Wittgenstein, Ferreira Gullar, Arnaldo Antunes e Paulo Leminski
8. TRABALHO	“Cidadão” – Lúcio Barbosa	Karl Marx e Domenico de Mais
9. ÉTICA	“Na moral” – Jota Quest e “Vícios e virtudes” – Charlie Brown Jr.	Jean-Paul Sartre e Friedrich Nietzsche
10. ESTÉTICA	“Salão de beleza” – Zeca Baleiro	Nietzsche, Ferreira Gullar e Manuel Bandeira

## 6.2. Atividade de filosofia com música

A partir da música *Comida* do Titãs desenvolvemos uma aula de Filosofia com os nossos alunos. Depois de ouvir a canção, no MP3, debatemos sobre a letra da música e apresentamos o contexto histórico e social da banda Titãs. Em seguida foram propostas as questões que seguem e uma atividade de pesquisa na Internet.

## Comida – Titãs

Bebida é água!	A gente quer prazer	A gente quer a vida
Comida é pasto!	Pra aliviar a dor	Como a vida quer
Você tem sede de quê?	A gente não quer	A gente não quer só comer
Você tem fome de quê?	Só dinheiro	A gente quer comer
A gente não quer só comida	A gente quer dinheiro	E quer fazer amor
A gente quer comida	E felicidade	A gente não quer só comer
Diversão e arte	A gente não quer	A gente quer prazer
A gente não quer só comida	Só dinheiro	Pra aliviar a dor
A gente quer saída	A gente quer inteiro	A gente não quer
Para qualquer parte	E não pela metade	Só dinheiro
A gente não quer só comida	Bebida é água!	A gente quer dinheiro
A gente quer bebida	Comida é pasto!	E felicidade
Diversão, balé	Você tem sede de quê?	A gente não quer
A gente não quer só comida	Você tem fome de quê?	Só dinheiro
A gente quer a vida	A gente não quer só comida	A gente quer inteiro
Como a vida quer	A gente quer comida	E não pela metade
Bebida é água!	Diversão e arte	Diversão e arte
Comida é pasto!	A gente não quer só comida	Para qualquer parte
Você tem sede de quê?	A gente quer saída	Diversão, balé
Você tem fome de quê?	Para qualquer parte	Como a vida quer
A gente não quer só comer	A gente não quer só comida	Desejo, necessidade, vontade
A gente quer comer	A gente quer bebida	Necessidade, desejo, eh!
E quer fazer amor	Diversão, balé	Necessidade, vontade, eh!
A gente não quer só comer	A gente não quer só comida	Necessidade



## **VAMOS PENSAR:**

1. Para você qual a importância e atualidade dessa canção do Titãs, de autoria de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto?
2. Qual a diferença entre desejo, vontade e necessidade?
3. O que é vida, arte, diversão, amor, prazer, dor, felicidade?
4. O que significa “Bebida é água! Comida é pasto! Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?”
5. Explique esse trecho da música: “a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade?”

## **VAMOS NAVEGAR:**

Pesquise na Internet sobre o contexto, a história e a música da banda Titãs.

### **6.3. Algumas experiências de filosofia com música**

Neste tópico vamos apresentar algumas experiências do ensino de filosofia com música nos livros didáticos, em revistas e na *Internet*.

Na *Internet* é possível encontrar diversas experiências de ensino de Filosofia com música, como o *blog Aulas Motivadas* da professora Margarida Janssen em que ela apresenta temas filosóficos a partir de canções bastante conhecidas dos adolescentes e jovens, e propõe atividades de reflexão semelhantes a exposta acima (JANSEN, 2009).

Podemos citar aqui também a experiência da professora Luciana Xavier de Castro, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, que através da música leva os conteúdos de filosofia para seus alunos (CASTRO, 2014). Nessa aula, ela parte da canção *Fábrica*, do Legião Urbana, para debater o tema Luta de Classes; e, dessa forma, apresenta o pensamento de Karl Marx de modo atual, pertinente e contextualizado.

O Projeto *Palavras e Canções*, da professora Vânia Aparecida Silva Corrêa Pinto, do Colégio Estadual Vicente Jannuzzi, do Rio de Janeiro, desde 2010, vem trabalhando com música e Filosofia com resultados bastante positivos, como nos diz a autora do projeto:

Através da música foi possível a leitura se manifestar na escola, não apenas no sentido de “se ler bem” um texto ou um livro, mas foi possível o surgimento de uma leitura crítica derivada da capacidade de ler aquilo que não está escrito, mas que pode ser inferido, deduzido pelos alunos. Foi um começo, uma escolha, onde os alunos se tornaram leitores, autores, escritores, ouvintes e, principalmente, se tornaram protagonistas de uma história que, por sua simplicidade, chegou aos jornais, na TV e até mesmo na Academia Brasileira de Letras (PINTO, 2014, p. 3).

O professor Marcos Carvalho Lopes, autor do livro *Canção, estética e política: ensaios legionários* (Mercado de Letras, 2012), sobre as letras e a estética da banda Legião Urbana, expôs assim sua experiência com a música no ensino de Filosofia no Ensino Médio:

Quando comecei a dar aulas de Filosofia no Ensino Médio durante o estágio da licenciatura, não conseguia chamar atenção dos alunos para as questões filosóficas. Eu e meus colegas estávamos empanturrados de um jargão que não funcionava fora da tribo. Por isso, quando trouxe algumas canções e as utilizei para incentivar o debate, alguma coisa fez a gelatina da passividade dos alunos tremer. As letras das canções são um bom caminho para transportar interrogações da filosofia para os horizontes dos alunos, servem como um patrimônio cultural comum a partir do qual é possível dialogar. É inegável que hoje em dia muito da identidade (modo de vestir, pensar, etc.) dos adolescentes repercute crenças que tem origem em canções populares ou em outros produtos da cultura de massa como a televisão, o cinema e os *games* (LOPES, 2014, p. 22).

Ainda de acordo com LOPES (2014), o desafio é utilizar as canções como meio e não como fim, partindo dos signos usuais do nosso tempo para tentar conquistar a abertura para o questionamento filosófico.

As canções ajudavam a socializar a filosofia, mostrando que ela já estava presente, acenando em produtos da cultura de massa com citações e apropriações – muitas vezes problemáticas – de alguns conceitos e descrições. Essas citações, por si só, seriam meras frases feitas -, filosofia *fast-food* -, se nós não tivéssemos a disciplina do trabalho de aprofundamento, de leitura e questionamento (LOPES, 2014, p. 22).

Ao falarmos de livros didáticos de Filosofia e de Sociologia, gostaríamos de destacar o livro *Filosofia*, em formato digital, de fácil acesso, de qualidade e gratuito, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (VÁRIOS AUTORES, 2007). O livro vale pelo *design* gráfico, pela proposta inovadora, pelo conteúdo e linguagem acessíveis e pela abordagem interdisciplinar.

Outro livro didático de filosofia que merece atenção é o livro *Filosofia – Investigando o pensar* (Ensino Médio), de Raimundo Nonato e Paulo Gadelha, lançado em 2009 pela Editora Edjovem de Fortaleza e distribuído pela Editora Escala (OLIVEIRA; GADELHA, 2009). Os autores apresentam a Filosofia com Arte, música e numa linguagem jovem.

Temos também o livro *Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas*, de Gilberto Cotrim, onde o autor apresenta a filosofia a partir de temas sem negligenciar a

própria história da filosofia. A proposta metodológica do material está fundamentada na interdisciplinaridade e na exposição dos temas filosóficos com Arte.

Na Sociologia temos também manuais de excelente qualidade. É o caso do livro didático de Sociologia da Fundação Getúlio Vargas – FGV, *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY; FREIRE – MEDEIROS, 2011). Nele as autoras trabalham a Sociologia a partir do cinema.

Um livro de filosofia, paradidático, com uma linguagem acessível para adolescentes e jovens é o *best-seller O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder. Lido no mundo inteiro, já virou filme e conta a história da filosofia de forma leve e atraente (GAARDER, 1995).

Nessa mesma perspectiva, as revistas *Filosofia, Ciência e Vida* e *Conhecimento Prático Filosofia* tratam da Filosofia de modo interessante, tanto para os já iniciados nesse conhecimento, quanto para os que desejam adentrar no universo filosófico. Nos artigos, nas entrevistas e nos *Encartes do Professor*, destas revistas, temos sempre um apoio e um incentivo para inovarmos nas metodologias do ensino de Filosofia no Ensino Médio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tracemos assim algumas palavras finais que, dialeticamente, podem ser também o início de uma nova conversa. Ao desafio de ensinar filosofia no Ensino Médio, tentamos responder através da análise de experiências inovadoras que utilizam a música como um recurso didático-metodológico. Não se trata evidentemente de lançar mão de uma novidade enquanto modismo, mas de procurar compreender o universo dos jovens educandos e contextualizar o processo de ensino-aprendizagem, dentro das profundas transformações ocorridas com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação, com as suas redes sociais, os *games*, a música, as tribos urbanas, os *ciberespaços*, os *blogs*, os livros em formato digital, etc.

Nesse sentido, o recurso da música como elemento motivador, vem se mostrando como uma possibilidade de diálogo e abertura, revelando-se um caminho eficaz no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos filosóficos.

Assim percebemos, depois de décadas de exílio forçado, que a Filosofia volta à ágora – uma filosofia viva – através de revistas, jornais, livros, TV, cinema, música, Internet, ruas, cafés filosóficos, debates, encontros, simpósios, seminários, congressos, etc. Sabemos que a educação não pode se restringir à atividade escolar na sala de aula, em nenhum de seus níveis. No entanto, a presença do ensino de Filosofia no Ensino Médio é fundamental para a realidade da escola brasileira em qualquer época histórica. Nesse sentido, o reflorescimento da Filosofia traz uma importante contribuição para a educação do nosso país e, conseqüentemente, para a consolidação de um projeto de sociedade livre, soberana, igualitária, justa e democrática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Werner. *O que é a vida sem uma canção?* In. **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano 1, nº 6. São Paulo: Editora Escala, 2007. p. 16 – 21.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. 3ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2010 (Manual do Professor).

\_\_\_\_\_. **Filosofando, Introdução à Filosofia**. Volume Único. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009 (Manual do Professor).

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

BOMENY, Helena; FREIRE – MEDEIROS, Bianca (Coord.). **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Editora do Brasil, 2011. 280 p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB9.394/96**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB. **Orientações Curriculares Nacionais – OCN**. Brasília, DF, 2008a.

BRASIL. **Lei nº 11.684**, de 02 de junho de 2008. Estabelece a obrigatoriedade de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Brasília, DF, 2008b.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN**. Brasília, DF, 2013.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de. *Sociologia e Filosofia no Ensino Médio: mudanças profundas na educação brasileira*. In. **Trilhas Filosóficas**. Ano 1, nº 1. Caicó: Eduern, 2008. Disponível em: <periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/20/19>. Acesso em: 19 mar. 2014.

CARVALHO, Marcelo; SANTOS, Marli dos. *O Ensino de Filosofia no Brasil: três gerações*. In. CORNELLI; CARVALHO; DANELON, op. cit. p. 13 – 44.

CASTRO, Luciana Xavier de. *A canção Fábrica, da Legião Urbana ao conceito de luta de classes em Marx*. In. **Catálogo**. Disponível em: <www.laefi.defil.ufu.br/arquivos/catalogomarx.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

CEPPAS, Filipe. *Anotações sobre a história do ensino de Filosofia no Brasil*. In. CORNELLI; CARVALHO; DANELON, op. cit. p. 171 – 184.

CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (Coord.). **Filosofia – Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação – SEB, 2010 (Coleção Explorando o Ensino. Vol. 14). 212 p.

COTRIM, Gilberto. **Filosofia Temática**. Volume Único. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. Volume Único. 17ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013 (Manual do Professor).

\_\_\_\_\_; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. Volume Único. São Paulo: Editora Saraiva, 2010 (Manual do Professor).

DANELON, Márcio. *Em torno da especificidade da filosofia*. In. CORNELLI; CARVALHO; DANELON, op. cit. p. 185 – 202.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 24, Set. / Out. / Nov. / Dez., 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FRANZ, Jaqueline Priscila dos Reis. **Mapas do Acaso: As canções de Humberto Gessinger sob a ótica contemporânea**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10784/000601070.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10784/000601070.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20 out. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 148 p.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das letras, 1995

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GALLO, Sílvio. *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*. In. CORNELLI; CARVALHO; DANELON, op. cit. p.159 – 170.

GRAMA, Simone de Nardi. *Educação brasileira: uma visão filosófica*. In. **Conhecimento Prático Filosofia**. Ano 7, nº 45, out. - nov., 2013. São Paulo: Editora Escala, 2013. p. 16 – 23. Disponível em: <[filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/45/artigo302515-1.asp](http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/45/artigo302515-1.asp)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

GRETER, Francisco Paulo. *Por que filosofia no Ensino Médio?* In. **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano IV, nº 44. São Paulo: Editora Escala, 2010. p. 8 – 15. (Encarte do professor).

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. **Filosofia – Construindo o pensar**. Volume Único. 3ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2010 (Manual do Professor).

JANSEN, Margarida. **Aulas Motivadas** (Blog). Disponível em: <[margothjansenaulas.blogspot.com.br/2009/02/aula-e-atividades-de-filosofia.html](http://margothjansenaulas.blogspot.com.br/2009/02/aula-e-atividades-de-filosofia.html)>. Acesso em: 04 abr. 2013.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é <Esclarecimento>? [*Aufklärung*]*. In: **Kant - Textos Seletos**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KOHAN, Walter Omar. *O ensino de filosofia e a questão da emancipação*. In. CORNELLI; CARVALHO; DANELON, op. cit. p. 203 – 212.

LOPES, Marcos Carvalho. *Filosofia (bem) ensinada*. In: **Conhecimento Prático Filosofia**. Ano 7, edição 47. São Paulo: Editora Escala, 2014. p. 16 – 23.

LUCENA, Mário. **Raul Seixas – Metamorfose ambulante**. São Paulo: Editora B&A, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Trad. Alípio de Souza Filho. Natal: Editora Argos, 2001. 231 p.

----- . **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 2001.

MEUCCI, Arthur. *O que é a vida sem uma canção?* In: **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano 1, nº 6. São Paulo: Editora Escala, 2007. p. 16 – 21.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

O ADOLESCENTE na Escola. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade De Educação-FACED. Disciplina: Psicologia da Educação I: Como falar com adolescentes. Disponível em: <[www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/o\\_adolescente\\_na\\_escola](http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/o_adolescente_na_escola)>. Acesso em: 10 mai. 2014.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Nogueira de; GADELHA, Paulo José de Paula. **Filosofia – Investigando o pensar** (Ensino Médio). Fortaleza: Editora Edjovem, 2009. 256 p.

OLIVEIRA, Sidney de. *A tragédia em notas musicais*. In: **Filosofia, Ciência e Vida**. Nº 53, novembro de 2010. São Paulo: Editora Escala, 2010. pg. 45-51.

PILETTI, Claudino; Nelson. **Filosofia e História da Educação**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

PINTO, Vânia Aparecida Silva Corrêa. **Projeto Palavras e Canções**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016234.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

PLATÃO. **A República**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. 236p.

RODRIGUES, Cinthia. *Não se fez tábula rasa*. In: **Carta na Escola**. Nº 85, abr. 2014. São Paulo: Editora Confiança, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 9ª ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1989.

----- . **Escola e Democracia**. 20ª ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1988.

SANTOS, Roberto Vatan dos. *Abordagens do processo de ensino e aprendizagem*. In: **Revista Integração**. Ano XI, nº 40, jan./ fev./ mar. 2005, p. 19-31. Disponível em: <[ftp://www.usjt.br/pub/revint/19\\_40.pdf](ftp://www.usjt.br/pub/revint/19_40.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

SILVA, André Américo da. *A Filosofia nas escolas públicas*. In: **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano VII, nº 90. São Paulo: Editora Escala, 2014a. p. 44 – 50.

SILVA, Delcio Barros da. *As principais tendências pedagógicas na prática escolar brasileira e seus pressupostos de aprendizagem*. Disponível em: <[www.educadores.dia.a.dia.pr.gov.br](http://www.educadores.dia.a.dia.pr.gov.br)>. Acesso em: 20 mar. 2014b.

SOLIDUM. **PLque desobriga o ensino de Sociologia e Filosofia na escola será modificado**. Disponível em: <[solidumassociacao.blogspot.com.br/2014/03/pl-que-desobriga-ensino-de-sociologia-e.html](http://solidumassociacao.blogspot.com.br/2014/03/pl-que-desobriga-ensino-de-sociologia-e.html)>. Acesso em: 19 mar. 2014.

TIBURI, Márcia. **Blog da Márcia Tiburi**. Revista Cult. Disponível em: <[revistacult.uol.com.br/home/2013/ensino-de-filosofia/](http://revistacult.uol.com.br/home/2013/ensino-de-filosofia/)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

VÁRIOS AUTORES. **Filosofia** (Ensino Médio).2ª Edição. Curitiba: SEED/PR, 2007.336p  
Disponível em:<[www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro\\_didatico/filosofia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/filosofia.pdf)>  
Acesso em: 03 abr. 2011.

VASCONCELOS, Clara; PRAIA, João Félix; ALMEIDA, Leandro S. *Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências:instrução à aprendizagem*. In: **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. Vol. 7, nº 1, Campinas, jan./jun. 2003. Disponível em:  
<[www.abrapee.psc.br/7-1.pdf](http://www.abrapee.psc.br/7-1.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

## ANEXO

### REFERÊNCIAS DAS MÚSICAS

1. *Música para ouvir*. Arnaldo Antunes. **Um Som**: BMG, 1998 – Arnaldo Antunes e Edgar Scandura (compositores), p. V.
2. *Humano demais*. Engenheiros do Hawaii. **Minuano**: BMG, 1997 – Humberto Gessinger (compositor), p. 9.
3. *Pacato cidadão*. Skank. **Multishow ao Vivo – Skank no Mineirão**: Sony, 2010 – Samuel Rosa e Chico Amaral (compositores), p. 17-18.
4. *Inúteis*. Ultraje a rigor. **Nós vamos invadir sua praia**: WEA, 1985 – Roger Moreira (compositor), p. 27.
5. *Estudo errado*. Gabriel – o Pensador. **Ainda é só o começo**: Sony Music, 1995 – Gabriel – o Pensador (compositor), p. 34-35.
6. *Somos quem podemos ser*. Engenheiros do Hawaii. **Acústico MTV**: Universal, 2004 – Humberto Gessinger (compositor), p. 38.
7. *Guardas da fronteira*. Engenheiros do Hawaii. **A revolta dos dândis**: BMG, 1987 – Humberto Gessinger (compositor), p. 42.
8. *Admirável chip novo*. Pitty. **Admirável chip novo**: DECKdisc, 2003 – Pitty (compositora), p. 47.
9. *Comida*. Titãs. **Jesus não tem dentes no país dos banguelas**: WEA, 1987 – Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto (compositores). p.53.